



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO DE CIÊNCIAS AGRÁRIAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
AGROECOLOGIA E DESENVOLVIMENTO RURAL**

**SINERGIAS ENTRE TURISMO RURAL E AGROECOLOGIA: UMA ALTERNATIVA
EM PROPRIEDADES AGROECOLÓGICAS**

ANDRÉ HEITOR DE FARIA FERREIRA LIMA

**Araras
2025**



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO DE CIÊNCIAS AGRÁRIAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
AGROECOLOGIA E DESENVOLVIMENTO RURAL**

**SINERGIAS ENTRE TURISMO RURAL E AGROECOLOGIA: UMA ALTERNATIVA
EM PROPRIEDADES AGROECOLÓGICAS**

ANDRÉ HEITOR DE FARIA FERREIRA LIMA

**ORIENTADORA: PROF. DRA. ELIANA CARDOSO LEITE
COORIENTADOR: PROF. DR. HEROS AUGUSTO SANTOS LOBO**

Dissertação no Programa de
Pós-Graduação em Agroecologia e
Desenvolvimento Rural para obtenção
do título de MESTRE EM
AGROECOLOGIA E
DESENVOLVIMENTO RURAL

Araras

2025

FICHA CATALOGRÁFICA

Lima, André Heitor de Faria Ferreira

Sinergias entre turismo rural e agroecologia: uma alternativa em propriedades agroecológicas / André Heitor de Faria Ferreira Lima -- 2025.
90f.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de São Carlos, campus Araras, Araras

Orientador (a): Eliana Cardoso Leite

Banca Examinadora: Sidnei Raimundo, Maria Helena Mattos Barbosa dos Santos

Bibliografia

1. Turismo rural. 2. Agroecologia. 3. Agricultura familiar.

I. Lima, André Heitor de Faria Ferreira. II. Título.

Ficha catalográfica desenvolvida pela Secretaria Geral de Informática (SIn)

DADOS FORNECIDOS PELO AUTOR

Bibliotecário responsável: Maria Helena Sachi do Amaral - CRB/8
7083



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS

Centro de Ciências Agrárias
Programa de Pós-Graduação em Agroecologia e Desenvolvimento Rural

Folha de Aprovação

Defesa de Dissertação de Mestrado do candidato André Heitor de Faria Ferreira Lima, realizada em 28/05/2025.

Comissão Julgadora:

Profa. Dra. Eliana Cardoso Leite (UFSCar)

Prof. Dr. Sidnei Raimundo (EACH-USP)

Profa. Dra. Maria Helena Mattos Barbosa dos Santos (UFSCar)

AGRADECIMENTOS

A realização deste trabalho não seria possível sem o apoio e a colaboração de muitas pessoas, às quais expresso minha sincera gratidão. Aos(as) agricultores(as) entrevistados(as), que gentilmente dedicaram seu tempo, compartilharam suas experiências e abriram as porteiras de seus sítios, contribuindo de forma essencial para esta pesquisa.

Aos orientadores, pela orientação e paciência ao longo do percurso acadêmico. Aos colegas, professores e professoras do programa de mestrado pelas trocas e conhecimento compartilhado. Por fim, agradeço à família pelo amor, suporte e apoio incondicional.

Agradeço ao apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO E JUSTIFICATIVA	01
2 OBJETIVOS	12
3 MATERIAIS E MÉTODOS	13
3.1 CARACTERIZAÇÃO DA ÁREA FOCO DO ESTUDO	13
3.2 CARACTERIZAÇÃO DOS ENTREVISTADOS	17
3.3 MÉTODOS	18
3.3.1 ANÁLISE BIBLIOMÉTRICA	19
3.3.2 ENTREVISTAS ESTRUTURADAS	20
3.3.3 ENTREVISTAS SEMIESTRUTURADAS	21
4 RESULTADOS E DISCUSSÃO	22
4.1 ANÁLISE BIBLIOMÉTRICA	22
4.1.1 QUANTITATIVOS	22
4.1.2 QUALITATIVOS	29
4.1.3 TRABALHOS BRASILEIROS	33
4.2 ENTREVISTAS ESTRUTURADAS	41
4.2.1 PERFIL DAS PROPRIEDADES	42
4.2.2 PERFIL DOS AGRICULTORES	43
4.2.3 PERFIL DOS SISTEMAS DE PRODUÇÃO E MANEJO	45
4.2.4 PRESENÇA E VALORIZAÇÃO DA MATA NATIVA	47
4.3 ENTREVISTAS SEMIESTRUTURADAS	49
4.3.1 VISITA AO SÍTIO SÃO LUIZ	50
4.3.2 VISITA AO SÍTIO BOA ESPERANÇA	52
4.3.3 VISITA À POUSADA MIRANTE DOS ADELPHOS	55
4.3.4 VISITA AO SÍTIO BARREL	57
4.3.5 VISITA AO SÍTIO PEREIRAS	59
4.3.6 CONSIDERAÇÕES SOBRE AS VISITAS	60
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	63
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	65
APÊNDICE A: ROTEIRO DE ENTREVISTA ESTRUTURADA	85
APÊNDICE B: ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA	86

ÍNDICE DE TABELAS

Tabela 1. Tipologia das atividades de turismo em áreas rurais	10
Tabela 2. Tipos de análises quantitativas e qualitativas	19
Tabela 3. Lista de países com mais trabalhos publicados utilizando os termos “agroecolog*” OR “small farm*” OR “peasant*” OR “famil* farm*” OR “smallhold*” AND “touris*” OR “ecotouris*” OR “agritouris*” OR “agrotouris*” OR “rural touris*” entre os anos de 1986 a 2023	23
Tabela 4. Autores com mais publicações utilizando os termos “agroecolog*” OR “small farm*” OR “peasant*” OR “famil* farm*” OR “smallhold*” AND “touris*” OR “ecotouris*” OR “agritouris*” OR “agrotouris*” OR “rural touris*” entre os anos de 1986 a 2023	24
Tabela 5. Áreas de pesquisa e publicações utilizando os termos “agroecolog*” OR “small farm*” OR “peasant*” OR “famil* farm*” OR “smallhold*” AND “touris*” OR “ecotouris*” OR “agritouris*” OR “agrotouris*” OR “rural touris*” de 1986 a 2023	25
Tabela 6. Nome das instituições e seu número de publicações utilizando os termos “agroecolog*” OR “small farm*” OR “peasant*” OR “famil* farm*” OR “smallhold*” AND “touris*” OR “ecotouris*” OR “agritouris*” OR “agrotouris*” OR “rural touris*” de 1986 a 2023	26
Tabela 7. Número de publicações utilizando os termos “agroecolog*” OR “small farm*” OR “peasant*” OR “famil* farm*” OR “smallhold*” AND “touris*” OR “ecotouris*” OR “agritouris*” OR “agrotouris*” OR “rural touris*” ao longo dos anos entre 1986 a 2023	28
Tabela 8. Top 10 países com mais citações utilizando os termos “agroecolog*” OR “small farm*” OR “peasant*” OR “famil* farm*” OR “smallhold*” AND “touris*” OR “ecotouris*” OR “agritouris*” OR “agrotouris*” OR “rural touris*” ao longo dos anos entre 1986 a 2023 e Brasil	30
Tabela 9. Top países com maior índice H utilizando os termos “agroecolog*” OR “small farm*” OR “peasant*” OR “famil* farm*” OR “smallhold*” AND “touris*” OR “ecotouris*” OR “agritouris*” OR	

“agrotouris” OR “rural touris*”* ao longo dos anos entre 1986 a 2023 e Brasil **32**

Tabela 10. Artigos brasileiros com uma ou mais citações utilizando os termos *“agroecolog*” OR “small farm*” OR “peasant*” OR “famil* farm*” OR “smallhold*” AND “touris*” OR “ecotouris*” OR “agritouris*” OR “agrotouris*” OR “rural touris*”* entre 1986 a 2023 **32**

Tabela 11. Bibliografia brasileira utilizando os termos *“agroecolog*” OR “small farm*” OR “peasant*” OR “famil* farm*” OR “smallhold*” AND “touris*” OR “ecotouris*” OR “agritouris*” OR “agrotouris*” OR “rural touris*”* entre 1986 a 2023 dividida por temas **33**

ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 1. Localização de Socorro (em vermelho) no estado de São Paulo, distante pouco mais de 130km da capital, cidade pertencente ao Circuito das Águas Paulista	15
Figura 2. Mapa municipal de Socorro	16
Figura 3. Uso do solo de Socorro/SP com a cor amarela indicando o uso agropecuário (85%), seguido por floresta em verde (13%) e área não vegetada em vermelho (2%), ou seja, urbanizada	17
Figura 4. Gráfico com países e número de publicações utilizando os termos “agroecolog*” OR “small farm*” OR “peasant*” OR “famil* farm*” OR “smallhold*” AND “touris*” OR “ecotouris*” OR “agritouris*” OR “agrotouris*” OR “rural touris*” entre os anos de 1986 a 2023	23
Figura 5. Números de publicações utilizando os termos “agroecolog*” OR “small farm*” OR “peasant*” OR “famil* farm*” OR “smallhold*” AND “touris*” OR “ecotouris*” OR “agritouris*” OR “agrotouris*” OR “rural touris*” e áreas de pesquisa de 1986 a 2023	25
Figura 6. Gráfico de crescimento das publicações utilizando os termos “agroecolog*” OR “small farm*” OR “peasant*” OR “famil* farm*” OR “smallhold*” AND “touris*” OR “ecotouris*” OR “agritouris*” OR “agrotouris*” OR “rural touris*” de 1986 a 2023	27
Figura 7. Tamanho das propriedades dos/as agricultores/as em Socorro, São Paulo, Brasil	43
Figura 8. Faixas etárias dos/as agricultores/as entrevistados/as em Socorro, São Paulo, Brasil	44
Figura 9. Origem do aprendizado com a terra, segundo os/as agricultores/as em Socorro, São Paulo, Brasil	45
Figura 10. Presença de elemento arbóreo na área de cultivo, segundo os/as agricultores/as em Socorro, São Paulo, Brasil	46
Figura 11. Porcentagem estimada da área total com vegetação nativa segundo os/as agricultores/as em Socorro, São Paulo, Brasil	49

Figura 12. Disposição espacial das propriedades visitadas sendo a área central em cinza a urbanizada do município de Socorro, a localização em laranja o Bairro do Livramento, enquanto os pontos em verde são no Bairro dos Pereiras e o marrom no Bairro dos Marianos ...	50
Figura 13. Pilão de madeira usado na produção artesanal de paçoca, Socorro, São Paulo, Brasil	51
Figura 14. Canteiro de pimentas biquinho em consórcio, Sítio São Luiz, Socorro, São Paulo, Brasil	52
Figura 15. Banana e café consorciados no Sítio Boa Esperança, Socorro, São Paulo, Brasil	54
Figura 16. SAF com café, abacate, banana, eucalipto e outras espécies, Socorro, São Paulo, Brasil	56
Figura 17. Hortaliças em consórcio com bananeiras no Sítio Barrel, Socorro, São Paulo, Brasil	58
Figura 18. EN06 entre seu bananal e milharal, Socorro, São Paulo, Brasil	60

SINERGIAS ENTRE TURISMO RURAL E AGROECOLOGIA: UMA ALTERNATIVA EM PROPRIEDADES RURAIS AGROECOLÓGICAS

Autor: ANDRÉ HEITOR DE FARIA FERREIRA LIMA

Orientador: PROF. DRA. ELIANA CARDOSO LEITE

Coorientador: PROF. DR. HEROS AUGUSTO SANTOS LOBO

RESUMO

Considerando o município de Socorro/SP, com seu potencial turístico e vocação agrícola, a pesquisa explora as sinergias entre turismo rural e agroecologia como alternativa para gerar valor na agricultura familiar. A metodologia combinou análise bibliométrica, entrevistas estruturadas e semiestruturadas com agricultores locais. A análise bibliométrica revelou crescente interesse teórico pós-2018, com potencial do turismo para a renda, preservação ambiental e cultural. As entrevistas também indicaram reconhecimento do potencial econômico, social e ecológico, mas apontaram desafios práticos como mão de obra, infraestrutura e disponibilidade de tempo. Conclui-se que o turismo é uma possibilidade para agregar valor, porém exigindo planejamento, políticas de apoio e considerando particularidades locais.

Palavras-chave: Agroecologia, turismo rural, agricultura orgânica, agricultura familiar

SYNERGIES BETWEEN RURAL TOURISM AND AGROECOLOGY: AN ALTERNATIVE FOR AGROECOLOGICAL PROPERTIES

Author: ANDRÉ HEITOR DE FARIA FERREIRA LIMA

Adviser: PROF. DRA. ELIANA CARDOSO LEITE

Co-adviser: PROF. DR. HEROS AUGUSTO SANTOS LOBO

ABSTRACT

Considering the municipality of Socorro, Sao Paulo state, with its strong tourism potential and agricultural vocation, this research examines the synergies between rural tourism and agroecology as an alternative for adding value to family farming. The methodology combined a bibliometric analysis with structured and semi-structured interviews conducted with smallholders. The bibliometric analysis revealed a growing theoretical interest after 2018, highlighting tourism's potential for generating income and promoting environmental and cultural preservation. The interviews likewise recognized its economic, social, and ecological potential, but also pointed to practical challenges such as labor availability, infrastructure, and time constraints. The study concludes that tourism represents a viable opportunity for value addition, but its success depends on careful planning, supportive policies, and attention to local specificities.

Keywords: Agroecology, rural tourism, organic farming, family farming

1 INTRODUÇÃO E JUSTIFICATIVA

O Brasil ocupa posição de destaque no panorama agrícola mundial com um modelo produtivo baseado na monocultura em larga escala e focada na produção de commodities para exportação (BOAS, 2017). Este sistema, busca alta produtividade, mas acarreta desafios socioambientais como o uso de agrotóxicos, degradação ambiental e implicações para a segurança alimentar nacional. Em contraponto a este paradigma hegemônico, observa-se a crescente relevância e a resistência de alternativas, notadamente a agricultura familiar e as práticas agroecológicas, que se baseiam na diversificação produtiva, valorização da mão de obra local e busca pela sustentabilidade social e ambiental (BACCAR et al, 2020; DAL MORO & BRANDLI, 2020; PINTO FILHO et al, 2020).

Apesar de nossa vultosa produção de commodities, segundo dados do relatório SOFI, das Nações Unidas, um a cada cinco brasileiros sofre de insegurança alimentar moderada ou grave (FAO, 2024). Inquérito da Rede Brasileira de Pesquisa em Soberania e Segurança Alimentar e Nutricional concluiu que mesmo o campo sendo o território para produção de alimentos, nele a fome é mais presente do que nas cidades — nas áreas rurais, a insegurança alimentar (em todos os níveis) esteve presente em mais de 60% dos domicílios (Rede PENSSAN, 2022).

Sobre a desigualdade na sociedade brasileira, os 50% mais pobres detêm 2% dos ativos financeiros, enquanto o 1% mais rico concentra 63% (BHERING et al, 2023). Seguindo para o topo dessa pirâmide, o 0,1% mais rico detêm 43% e o 0,01% concentra impressionantes 27% destes ativos (BHERING et al, 2023).

Relacionando o modelo agrícola hegemônico com a distribuição de renda, vemos que no ano de 2021, por exemplo, enquanto o PIB (Produto Interno Bruto) do agronegócio apresentou um crescimento de 8,36% (CNA & CEPEA, 2022), no mesmo período, houve um aumento de 9,6 milhões de ‘novos pobres’ no Brasil, ou seja, pessoas com renda domiciliar per capita de até 497 reais/mês (NERI, 2022).

Analisando acesso à terra, quase metade da área rural brasileira (45%) está concentrada em menos de 1% das propriedades (OXFAM, 2016). Por outro lado, estabelecimentos com área inferior a 10 hectares representam mais de 47% do total de estabelecimentos, mas ocupam 2% da área (OXFAM, 2016). Sobre campo e

saúde, o Brasil é o país que mais utiliza agrotóxicos no mundo, ultrapassando 700 mil toneladas/ano (FAO, 2023). Como consequência, Bombardi (2017) aponta a morte de uma pessoa a cada dois dias e meio por intoxicação via agrotóxico de uso agrícola.

Considerando o campesinato nacional desde sua gênese com a invasão portuguesa, quando o primeiro grande sistema econômico brasileiro foi a *plantation*, alicerçada na exploração da mão de obra escravizada, latifúndio, monocultura e produção voltada para atender os interesses do mercado externo, e a inexistência de reforma agrária, fica mais fácil entender nosso presente.

A distribuição desigual de alimentos e riquezas existe no Brasil desde o período colonial, porém na realidade atual se faz necessário considerar outro relevante fator nessa equação que é a emergência climática. O Painel Intergovernamental de Mudanças Climáticas estima que ao longo da próxima década, as consequências do aquecimento global colocarão entre 32 milhões e 132 milhões de pessoas na extrema pobreza (IPCC, 2022).

Os impactos para a agricultura de um planeta mais quente e com eventos climáticos extremos, como secas e inundações, cada vez mais frequentes, ainda é incerto. Fato é que em consequência das alterações climáticas, os rendimentos de culturas estão diminuindo em muitas localidades e os produtores estão sendo obrigados a intensificar sua produção e/ou expandir áreas cultivadas, o que conduz ao aumento no custo de produção (STEVANOVIC et al, 2016) e a pressão sobre áreas de vegetação nativa.

A ironia reside no fato de que as próprias práticas do sistema agrícola hegemônico e uso do solo são fatores fundamentais para o agravamento do aquecimento global. Segundo plataforma digital do SEEG (Sistema de Estimativas de Emissões e Remoções de Gases de Efeito Estufa), uma iniciativa do Observatório do Clima, a agropecuária e a mudança de uso da terra e floresta foram responsáveis por 74% das emissões de gases do efeito estufa (GEE) em 2023 no Brasil (SEEG, 2024). Mudança de uso da terra e floresta é caracterizado sobretudo pelo desmatamento da vegetação para posterior uso em atividades agropecuárias, sendo o principal emissor de GEE na região Norte e boa parte do Nordeste.

A agroecologia reúne saberes e práticas que remontam a povos originários e populações ancestrais, ganhando escala em nossa sociedade globalizada como movimento antagônico à Revolução Verde. Esta última foi um conjunto de práticas

científicas aplicadas à agricultura entre as décadas de 1940 e 1970 com o intuito de aumentar a produtividade.

As intervenções da Revolução Verde foram baseadas em variedades de sementes 'melhoradas', irrigação e amplo uso de fertilizantes e insumos químicos (MISHRA et al, 2020). Apesar dos ganhos produtivos iniciais, estudos evidenciam uma estagnação em várias culturas (RADJA et al, 2016) ao longo do tempo. As práticas da Revolução Verde contribuíram fortemente para a poluição do solo, considerável redução da biodiversidade e dependência dos produtores às grandes corporações fornecedoras de pesticidas, fertilizantes e sementes (IPES FOOD, 2016).

Já a agroecologia, segundo Nodari e Guerra (2015), tem como variantes a agricultura ecológica, agricultura alternativa e agricultura sustentável, entre outras, sendo desenvolvida e aprimorada desde o surgimento dos demais sistemas agrícolas do passado. Sendo, portanto, um paradigma que engloba questões sobre a exploração de recursos ambientais e questões humanas (GOMES, 2022).

Gliessman define os princípios da agroecologia em: uso de fontes renováveis; minimizar uso de substâncias tóxicas; conservação dos recursos; conservação do solo; conservação da água; conservação da energia; conservação da base genética; manejo ecológico das relações; adaptação ao contexto local; diversidade de paisagens; biodiversidade; diversidade econômica; empoderamento das pessoas; gestão de sistemas holísticos; maximização de benefícios à longo prazo e valorização da saúde (GLIESSMAN, 2014 e 2015).

Em sua definição, a agroecologia envolve uma abordagem holística que, necessariamente, abarca uma série de práticas agrícolas, científicas e sociais (RIVERA-FERRE, 2018), integrando problemáticas como soberania e segurança alimentar (HLPE, 2019), sendo apresentada como 'a ecologia de toda cadeia de produção de alimentos' (MASON et al, 2021).

Há o consenso de que a agroecologia é construída sobre um grupo de princípios que são derivados tanto da ecologia quanto de fortes valores éticos e morais, além da valorização de saberes locais e tradicionais dos agricultores (PATTON, 2021). Já que ela se baseia em soluções adaptadas aos contextos locais, ao invés de um pacote pronto de tecnologias ou manejos pré-determinados, sua disseminação é moldada de acordo com os múltiplos contextos (MÉNDEZ et al, 2015).

Na contemporaneidade, a agroecologia é conhecida como ciência que estuda e tenta explicar o funcionamento dos sistemas produtivos agroecológicos, preocupando-se principalmente com os mecanismos biológicos, biofísicos, ecológicos, sociais, culturais, econômicos, políticos, suas funções, relações e seu desenho na paisagem (ROSSET & ALTIERI, 2017). Também considerada como um conjunto de práticas que permitem uma agricultura mais sustentável, sem o uso de produtos químicos perigosos e como um movimento que procura tornar a agricultura mais sustentável do ponto de vista ecológico e mais justa do ponto de vista social (ROSSET & ALTIERI, 2017). Em suma, a definição mais amplamente aceita atualmente é a agroecologia como uma tríade formada por (I) ciência, (II) conjunto de práticas e (III) movimento social.

Um território agroecológico se baseia na biodiversidade cultivada e não cultivada, incluindo a integração de espécies e culturas, árvores e animais, considerando a escala que vai desde o canteiro, da propriedade como um todo e à paisagem na qual ela está inserida (GLIESSMAN, 2014). A Agroecologia é uma abordagem alternativa e sistêmica que se baseia no conhecimento local e ecológico, aumenta o capital social e confronta o amplo uso de insumos agroquímicos (HLPE, 2019).

Se por um lado há um modelo de produção que é herdeiro da *plantation* — baseado em latifúndio, monocultura para exportação e exploração e/ou mecanização da mão de obra —, o ideal agroecológico ganha força como alternativa para os povos do campo. Organizações camponesas e movimentos sociais rurais consideram a agroecologia como muito mais do que um conjunto de princípios técnico-produtivos, mas com a integração de princípios sociais, culturais e políticos (SILIPRANDI et al, 2014).

Essencial para fornecer os alimentos que efetivamente vão para a mesa, a agricultura familiar do Brasil tem relevância mundial, considerada a oitava maior produtora de alimentos do planeta (CONTAG, 2024), gerando 67% dos empregos no campo brasileiro e sendo responsável pela dinamização econômica de 90% dos municípios com até 20 mil habitantes (IBGE, 2017). O abismo entre os dois modelos fica mais palpável quando comparamos os subsídios — enquanto temos o recorde de 400 bilhões de reais destinados ao agronegócio via Plano Safra 2024/25, o valor destinado a agricultura familiar não chega a um quarto deste montante (GOVERNO FEDERAL, 2024). Sua principal ferramenta de acesso ao crédito é o Pronaf

(Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar), que foi um marco histórico, mas que por processos ideológicos e políticos é passível de críticas e está longe de ser uma solução definitiva.

Apesar de sua gradativa expansão de cobertura, o Pronaf persiste excluindo amplos segmentos da agricultura familiar, sobretudo dos mais pobres (CAZELLA et al, 2016; CAPELLESSO et al, 2018; PRETTO et al, 2020). A concentração e a exclusão são, em alguma medida, reflexo do próprio desenho do Programa, originalmente concebido para atender os produtores rurais consolidados ou em transição para a modernização produtiva, e não os periféricos (AQUINO et al, 2018; CAPELLESSO et al, 2018; CAZELLA et al, 2016).

Sabendo que a ciência e a prática da agroecologia nos oferecem as bases para sistemas alimentares radicalmente transformados (GLIESSMAN, 2015) vamos buscar entender como ela se manifesta em nosso contexto da América Latina. Antes da invasão europeia, as Américas possuíam uma variedade de sistemas de produção que até hoje representam equilíbrio ecológico e resistência cultural, sendo, um dos mais emblemáticos destes a milpa: cultivo ancestral consorciado de milho, feijão e abóbora. Ela é um aspecto cultural significativo para os Maias — identidade, cerimônias, comunidade e todo o modo de vida estão todos enraizados nela (FALKOWSKI et al, 2019). Por séculos, a milpa tem sido um sistema agrícola sustentável (FORD et al, 2016) ao permitir a regeneração de áreas, criando mosaicos de sucessão florestal, enquanto fornece alimentos e meios de subsistência para agricultores (MT. PLEASANT, 2016). Outro exemplo é o sistema cabruca praticado na região da Mata Atlântica, um modo de cultivo agroflorestal tradicional que se utiliza da sombra de árvores nativas para a produção de cacau, não só favorecendo a cultura de interesse comercial, mas a conservação da biodiversidade e preservação da floresta.

Ao implementar a *plantation*, o processo de colonização foi constantemente enfraquecendo modelos alternativos de produção e moldando a organização agrária da América Latina. Como dito, a partir da expansão das práticas da Revolução Verde entre as décadas de 1940 e 1970, a agroecologia se fortalece como bandeira de resistência camponesa, sendo um dos maiores exemplos o Movimento Camponês a Camponês (CaC).

A metodologia deste movimento é uma reação ao modelo convencional de assistência técnica, onde o técnico é sujeito ativo do processo e as organizações

camponesas são vistas apenas como receptoras das instruções que mantêm um determinado padrão de produção agropecuária (ROSSET & BARBOSA, 2021). Em contraposição, a aplicação do CaC permite com que os agricultores revejam seus saberes, testando, observando o comportamento de pares ou compartilhando seus conhecimentos, se consolidando como um símbolo e bandeira de resistência camponesa.

Apesar de seu surgimento ser considerado na Ásia na década de 1920, o movimento Camponês a Camponês ganhou difusão nos anos 1970 na Guatemala e nos 20 anos seguintes se expandiu de maneira exitosa nas zonas rurais de diferentes países como Nicarágua, Honduras e México (ROSSET & BARBOSA, 2021). Os agricultores recorreram a tradições de partilha do conhecimento, práticas pedagógicas horizontais como a práxis ‘ação-reflexão-ação’ de Paulo Freire, educação popular latino-americana, da Teologia da Libertação e suas tradições indígenas (CACHO et al, 2018). Realizando visitas entre eles, separando talhões para testes e unidades demonstrativas em pequena escala visando o ensino e aprendizado de técnicas de conservação do solo e água, adubação verde, barreiras em nível e consórcios biodiversos (CACHO et al, 2018). Método de extrema relevância até os dias atuais, com ele os agricultores podem rever seus saberes, não só testando, mas também observando o comportamento de seus pares ou compartilhando com eles (TAKAHASHI et al, 2019).

Já espalhada por diversos países da América Central, no final dos anos 1990, o movimento Camponês a Camponês ganhou caráter nacional em Cuba. A agroecologia foi fundamental para ajudar os cubanos a sobreviverem à crise causada pelo colapso da URSS em 1989/90 e o subsequente embargo comercial dos EUA (CACHO et al, 2018).

Com o esfacelamento do bloco soviético nos anos 1990, o modelo convencional da Revolução Verde no meio rural cubano, com elevada dependência de insumos fornecidos pela União Soviética, entrou em colapso e a produção agrícola em larga escala foi interrompida (VAL et al, 2019). Sem o acesso a estes inputs estrangeiros, técnicas como conservação de solo, rotação de culturas, adubação verde, compostagem, agroflorestas e controle biológico foram empregadas. O sucesso da rápida transição agroecológica no país não se deu somente pelo uso das técnicas, mas devido ao processo CaC que a *Asociación*

Nacional de Agricultores Pequeños (ANAP) aprendeu na Mesoamérica, adaptou e usou para construir um movimento agroecológico de base (CACHO et al, 2018).

A evolução das práticas agroecológicas contribuíram para o aumento significativo da produção e resultou em benefícios adicionais, incluindo a resiliência frente às alterações climáticas (FUNES et al, 2016). O movimento cresceu e incluiu aproximadamente 200 mil famílias camponesas, cerca de metade de todo o campesinato cubano (CACHO et al, 2018).

É neste contexto de efervescência e mobilização no campo que o movimento internacional La Via Campesina é fundado em 1993 — reunindo milhões de camponeses, trabalhadores do campo, povos indígenas, pastores, pescadores, migrantes, mulheres do campo e jovens, construído sobre um sólido sentido de unidade e solidariedade, defendendo a agricultura camponesa e soberania alimentar (LA VIA CAMPESINA, 2025). Atualmente a Via Campesina e o Comitê Internacional para o Planejamento da Soberania Alimentar (*International Planning Committee for Food Sovereignty*) são organizações conhecidas internacionalmente e protagonistas na luta política dos movimentos sociais agrários de esquerda (EDELMAN & BORRAS, 2016).

No Brasil, o maior movimento social a abraçar os princípios da agroecologia é o MST (Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra). Oficialmente fundado em 1984, herdeiro de articulações anteriores como as Ligas Camponesas, teve três objetivos principais destacados em sua fundação: lutar pela terra, lutar pela reforma agrária e lutar por mudanças sociais no país (MST, 2025). Além da oposição ao modelo neoliberal de produção agrícola com ênfase em commodities e da adoção da defesa da soberania alimentar, nos anos 2000, o Movimento também adota a agroecologia para orientar sua produção (SCHWENDLER & THOMPSON, 2016).

Após muita articulação e protagonismo da América Latina, a agroecologia vem ganhando mais espaço como política pública nos últimos 20 anos. Em 2019, 197 países aprovaram os “10 elementos da agroecologia” para guiar a visão da FAO (Organização das Nações Unidas para Alimentação e Agricultura) sobre o tema. No mesmo ano, o HLPE (Painel de Especialistas em Segurança Alimentar e Nutricional do Comitê de Segurança Alimentar da ONU) publicou os ‘13 princípios da agroecologia’.

No Brasil, estamos na terceira edição da Política Nacional de Agroecologia e Produção Orgânica — Planapo I (2013-15), Planapo II (2016-19) e, recentemente, o

Planapo III (2024-27). O objetivo da Política Nacional é ampliar e fortalecer a produção, manipulação e processamento de produtos orgânicos e de base agroecológica, tendo como público prioritário agricultores/as familiares, assentados/as da reforma agrária, povos e comunidades tradicionais e suas organizações econômicas, micro e pequenos empreendimentos rurais, cooperativas e associações, considerando também os da agricultura urbana e periurbana (GOVERNO FEDERAL, 2025).

Levando em conta que à medida que o capital contemporâneo penetra em territórios que até pouco tempo eram considerados “marginais”, os camponeses, os povos indígenas e outros habitantes rurais representam a principal linha de resistência contra o ‘hidro-agro-extrativismo’ das empresas transnacionais (SILIPRANDI & ZULUAGA, 2014 e GIRALDO, 2015), podemos considerar que além da agroecologia, outra importante ferramenta de manutenção dos territórios destas populações é o turismo rural. Além desta posição estratégica de ‘linha de resistência’ entre o campo e o urbano, cada vez mais as características típicas do meio rural, como a gastronomia, o patrimônio natural e cultural, os costumes, bem como a possibilidade de lazer e descanso têm atraído os habitantes das cidades (DE SOUZA et al, 2019).

Gao e Wu (2017), pontuam que o grande desafio do turismo rural é equilibrar as necessidades e perspectivas de todos os autores envolvidos e administrá-los de maneira igualitária e eficiente. Segundo os autores, a atividade não deve ser entendida apenas como uma modalidade de turismo, mas sim como uma alternativa para conservar e regenerar a sociedade e a cultura rural (GAO & WU, 2017).

Antes de seguirmos aprofundando a definição de turismo rural, devemos dar um passo atrás e destacar a dicotomia turismo-atividade/turismo-fenômeno. Antes de ser uma atividade econômica, o fenômeno turístico surge na história da sociedade humana enquanto prática social (MOESCH, 2002). A essência da viagem está no viver, conviver, experienciar, fruir lugares que apresentem características socioculturais distintas dos seus locais de origem (ARAUJO & GODOY, 2016).

Neste trabalho, objetivamos compreender o turismo além da ótica da dimensão econômica, superando uma visão reducionista de que o sucesso turístico se baseia no aumento do fluxo de turistas e arrecadação financeira. O Turismo precisa ser enxergado em sua base fenomenológica, tendo, nas questões socioculturais e históricas, sua essência ontológica — é primordial superar a

ideologia que reduz lugares a produtos, e turistas a meros consumidores (ARAUJO & GODOY, 2016).

Retornando ao conceito de turismo rural, De Souza et al. (2019) destacam que o turismo desenvolvido em áreas rurais acaba assumindo diferentes terminologias, sobretudo em função da diversidade cultural, econômica, ambiental e social de cada região. Lane e Kastenholz (2015) apontam que apesar de ter sido definido de diversas formas, a tipologia apresenta duas características principais: emprega habitantes rurais e envolve a resignificação e revalorização da infraestrutura e do patrimônio rural já existente para acomodações e atrações turísticas. Já o Ministério do Turismo, destaca em sua definição a agregação de valor e características naturais, culturais, sociais e econômicas:

o conjunto de atividades turísticas desenvolvidas no meio rural, comprometido com a produção agropecuária, agregando valor a produtos e serviços, resgatando e promovendo o patrimônio cultural e natural da comunidade (MINISTÉRIO DO TURISMO, 2018).

Bricalli (2005) busca diferenciar conceitos que muitas vezes são apresentados como sinônimos — turismo no espaço rural, turismo rural e agroturismo. Para o autor, o turismo no espaço rural representa a definição mais abrangente, envolvendo quaisquer modalidades de turismo que acontecem na área rural (um grande hotel fazenda, por exemplo). Já o turismo rural é mais específico, pois pressupõe ‘envolvimento dos turistas com a população local e com o ambiente onde é praticado’. Por sua vez, o agroturismo é uma modalidade ainda mais específica, pois está diretamente relacionado com atividades agrícolas na propriedade — venda de produtos direto do produtor, restaurante típico, ‘colha e pague’ etc.

Apesar do crescimento significativo do turismo rural nas diferentes regiões brasileiras, destacando-se com uma atividade não agrícola com grande potencial para promover o desenvolvimento local com dinamização social e econômica (DE SOUZA et al, 2019), Lane e Kastenholz (2015) pontuam que a atividade como ela é conhecida hoje, existe desde o final do século XIX na Europa e nas Américas, mas que a partir dos anos 1970 e 1980, houve uma intensificação de ‘um novo tipo de turismo rural. Impulsionado pelos mercados, comunidades rurais e governos vêm

avançando sobre áreas sensíveis, independentemente de serem cênicas ou protegidas’.

Tabela 1. Tipologia das atividades de turismo em áreas rurais

Tipologia de turismo	Pressuposto	Características	Produto turístico
Turismo em Áreas Rurais	<ul style="list-style-type: none"> • Localizado em áreas rurais 	<ul style="list-style-type: none"> • Natureza contemporânea 	<ul style="list-style-type: none"> • Hotel-fazenda • Prática de esportes radicais • Outros
Turismo Rural	<ul style="list-style-type: none"> • Localizado em áreas rurais • Integração com a comunidade local • Envolvimento do turista com o entorno autóctone 	<ul style="list-style-type: none"> • Natureza histórica • Elementos que caracterizam o rural 	<ul style="list-style-type: none"> • Fazenda-hotel • Pousadas rurais • Outros
Agroturismo	<ul style="list-style-type: none"> • Localizado em áreas rurais • Inter-relacionado com as atividades agrícolas da propriedade 	<ul style="list-style-type: none"> • Natureza agrícola • Em pequena escala • Estrutura familiar 	<ul style="list-style-type: none"> • Rotas coloniais • Venda de produtos artesanais rurais • Outros

Fonte: Bricalli (2005).

Observa-se na literatura uma diversidade considerável de estudos que abordam exclusivamente o turismo rural (GAO & WU, 2017; STREIMIKIENE et al, 2021) ou a agroecologia (ALTIERI et al, 2015; GIRALDO & ROSSET, 2018). Neste cenário, o Brasil figura como uma das referências mundiais no tema da agricultura familiar. No entanto, há pouca produção acadêmica que conecte estas duas potencialidades como estratégia para enfrentar os desafios do meio rural. Isso nos leva a refletir sobre o papel do turismo rural como uma ferramenta para agregar valor às propriedades agroecológicas ou em transição agroecológica.

Este estudo tem como pressuposto a reflexão de que, no Brasil, agricultores familiares que adotam a agroecologia ou estão em processo de transição, deixam de aproveitar plenamente um potencial turístico em suas propriedades. Uma ferramenta que poderia facilitar oportunidades econômicas, sociais e ambientais.

Para a análise da presente pesquisa, foi escolhido como recorte espacial o município de Socorro, estado de São Paulo. A região se destaca pelo alto potencial turístico, com trechos preservados de Mata Atlântica, além de tradição na produção agrícola.

O trabalho será guiado pela seguinte questão norteadora: O turismo rural pode agregar valor às propriedades agroecológicas?

2 OBJETIVOS

- I. Apontar as ligações teóricas já existentes entre turismo rural e agroecologia.
- II. Analisar como a adoção do turismo rural em propriedades rurais agroecológicas, ou em transição, potencializa aspectos econômicos, sociais e ecológicos no município de Socorro, estado de São Paulo.

3 MATERIAIS E MÉTODOS

Para investigar as sinergias entre o turismo rural e a agroecologia, a presente pesquisa focou em propriedades de agricultura familiar no município de Socorro, São Paulo. Caracterizado por um meio rural com diversos perfis, as pequenas propriedades (até 64 hectares) formaram o universo para as entrevistas.

O processo de pesquisa foi dividido em três etapas complementares para coleta de dados. Primeiro, uma análise exploratória do 'estado da arte', utilizando a base de dados *Web of Science*. Foram analisadas 262 publicações no período de 1986 a 2023, o objetivo foi identificar temáticas relevantes, autores e instituições de destaque, além de tendências na produção científica global.

A segunda etapa envolveu a aplicação de roteiro de entrevista estruturada a agricultores residentes em Socorro. Estas entrevistas buscaram compreender o perfil geral dos produtores, incluindo a localização das propriedades, utilização de agrotóxicos, arranjos produtivos e a presença e valorização da mata nativa.

Por fim, a terceira etapa compreendeu a realização de entrevistas semiestruturadas com agricultores de base agroecológica em cinco propriedades específicas, selecionadas a partir de sua atuação ou potencial atuação com turismo. Esta técnica qualitativa e flexível, teve como foco explorar as vantagens e desvantagens da integração entre agricultura e turismo. O áudio dessas entrevistas foi gravado e transcrito para análise. Todos os procedimentos de coleta de dados foram realizados respeitando as diretrizes éticas, incluindo aprovação no Comitê de Ética da UFSCar com CAAE (Certificado de Apresentação de Apreciação Ética) de número 74673223.5.0000.5504.

3.1 Caracterização da área foco do estudo

Estabelecida junto à Serra da Mantiqueira —22.596094S, 46.52891W—, a cidade de Socorro está situada no nordeste do estado de São Paulo, na fronteira com Minas Gerais, distante 130km da capital paulista. Com 449.029km² de área, 40.122 habitantes (IBGE, 2023) e localizada a 752 metros acima do nível do mar, seu território está vinculado às divisões político-administrativas da mesorregião de Campinas/SP e microrregião de Amparo/SP e seu bioma é a Mata Atlântica.

Classificada com o clima subtropical de altitude (Cwb), o município é cortado por importantes rios da região —Rio do Peixe e Rio Camanducaia—, esculpindo a

presença de quedas, cachoeiras e grutas em seu relevo. Com alto interesse turístico, recebe a alcunha de Estância Hidromineral e pertence ao Circuito das Águas Paulista.

Fundada em 09 de agosto de 1829, a região foi utilizada como rota de passagem e pouso de bandeirantes e aventureiros no caminho entre São Paulo e Minas Gerais. Até os anos 1960, sua base econômica era a agricultura com ênfase na produção de café e fumo e pequenas criações de gado.

A tradição de micromalharias que permanece até hoje, se inicia nessa época, quando milhares de máquinas foram vendidas na cidade. Em 1978, passa à condição de Estância Turística com forte presença do turismo rural com hotéis fazenda e pousadas.

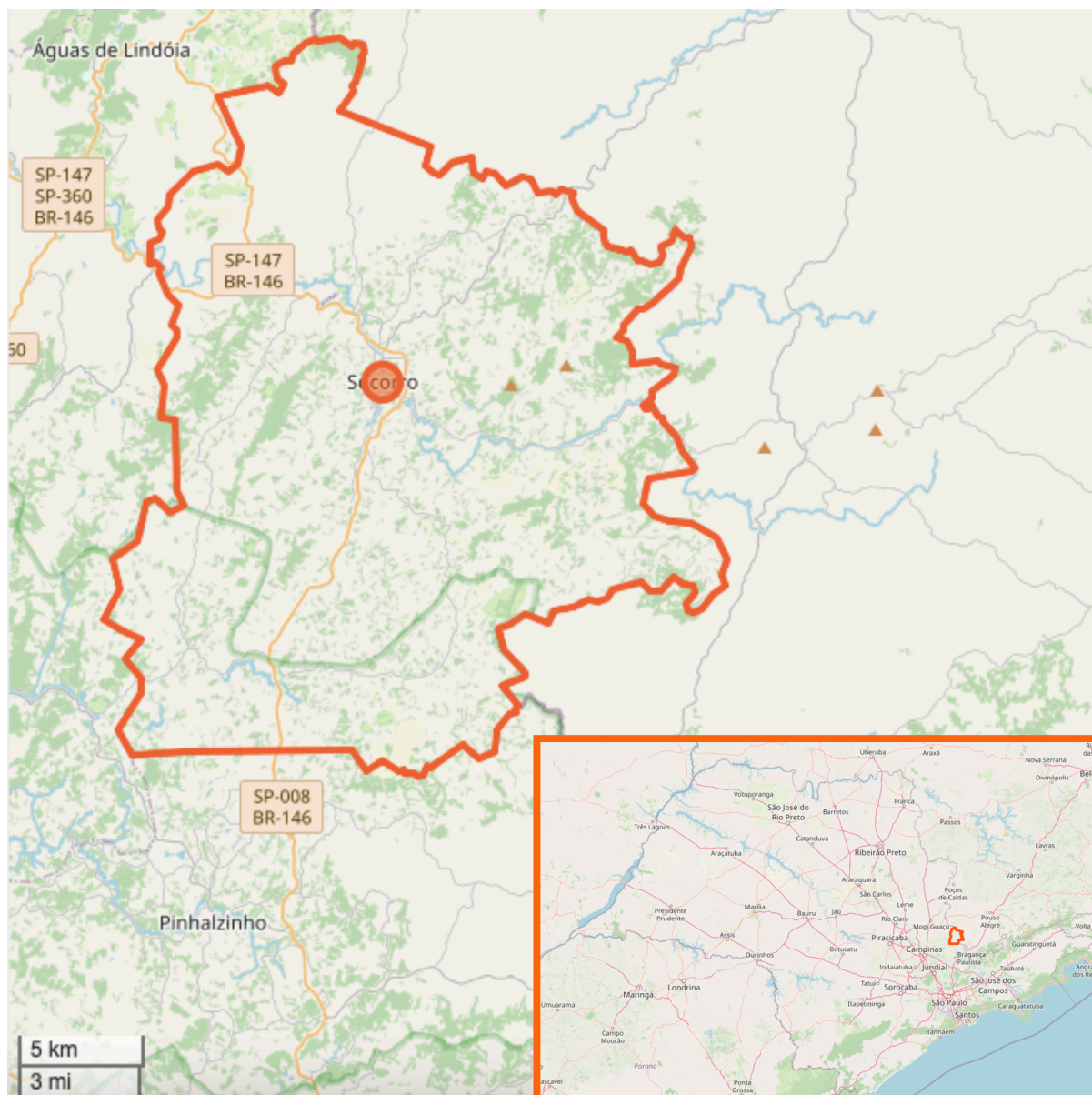
Nos anos 1990, se consolidaram agências e empreendimentos focados em esportes de aventura como rafting, canoagem, rapel, escalada, mountain bike, dentre outros. Socorro já foi sede de oficina da EMBRATUR e da Associação Paulista Pró Turismo de Aventura (APPTA), sendo considerada um dos principais destinos do estado de São Paulo para o ecoturismo (PREFEITURA DE SOCORRO, 2024).

O ecoturismo que hoje é uma das principais características do município é definido pelo *Glossário do Turismo* do Ministério do Turismo como: segmento da atividade turística que utiliza, de forma sustentável, o patrimônio natural e cultural, incentiva sua conservação e busca a formação de uma consciência ambientalista através da interpretação do ambiente, promovendo o bem-estar das populações (MINISTÉRIO DO TURISMO, 2018). Em termos conceituais, é um turismo cuja proposta se debruça sobre a sustentabilidade, com facetas pronunciadas em aspectos de conservação, interpretação ambiental e desenvolvimento comunitário de base local (LOBO, 2023).

Para Neger (2021), o ecoturismo tem como função contribuir ativamente tanto para a conservação de patrimônios naturais e culturais como para o bem-estar de suas comunidades. No entanto, é somente através da viabilidade econômica que a prática desencoraja o surgimento de outras atividades que sejam danosas para a conservação ambiental (NEGER, 2021). Picard (2015) também reforça que enquanto o projeto ecoturístico não gera valor, ele tenderá a falhar no longo prazo e não será sustentável.

Municipal de Saneamento Rural já impactou mais de 1.000 pessoas com a instalação de biodigestores e outras soluções ecológicas. Desde de 2022, o Departamento de Desenvolvimento Rural da Prefeitura aplica o Protocolo de Transição Agroecológica e em março de 2023 foi sancionada a Política Municipal de Agroecologia e Produção Orgânica (PMAPO).

Figura 2. Mapa municipal de Socorro (OPENSTREETMAP, 2025).



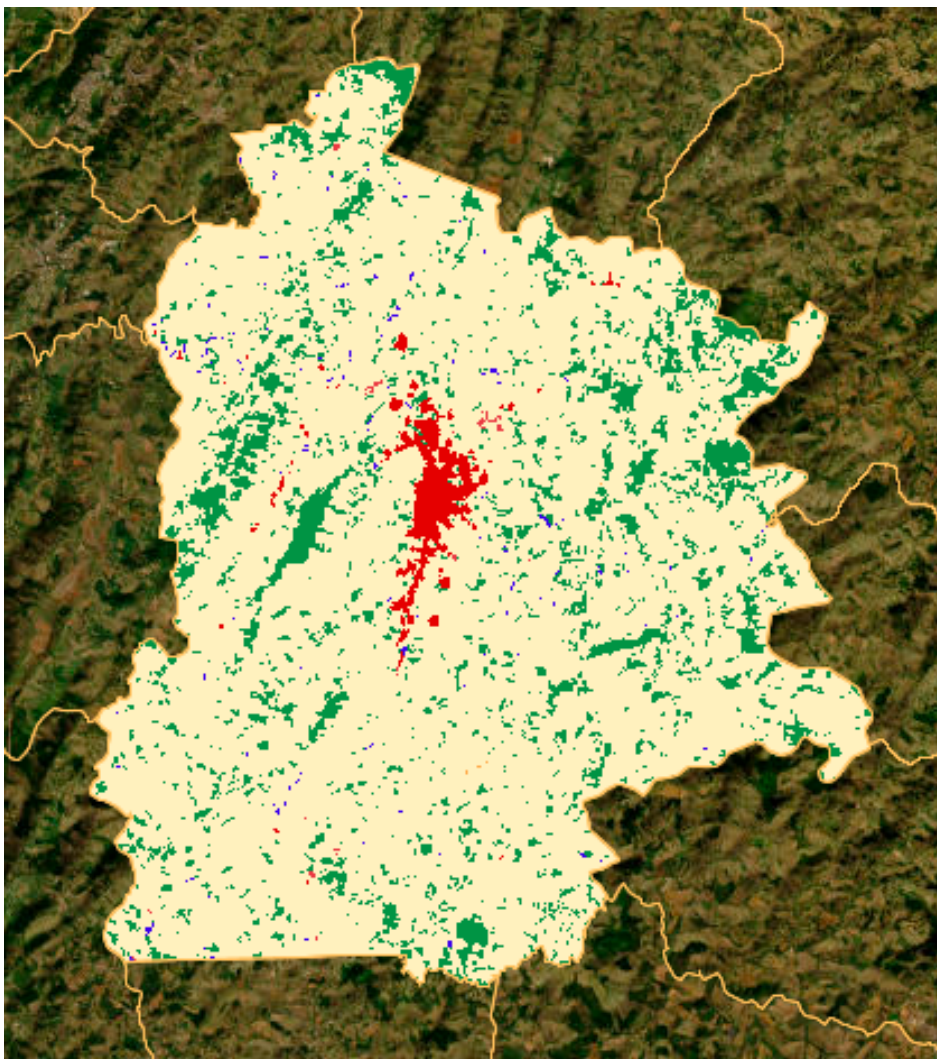
Portanto, o município de Socorro, que teve a agropecuária como principal atividade econômica por várias décadas, somado ao crescimento do turismo, em variadas vertentes, desde o final dos anos 1970, se configura em uma localidade que mantém costumes, práticas, cultura rural e produção agrícola, ao mesmo tempo

que possui estrutura turística e atrai grande número de visitantes. Sendo, portanto, uma região chave para o entendimento das possibilidades do turismo rural agregar valor às propriedades agroecológicas.

3.2 Caracterização dos entrevistados

Como mencionado, tradicionalmente a agropecuária é fundamental para geração de renda de Socorro, segundo o MapBiomas Brasil (2024), atualmente 86% do uso do solo da área territorial do município é agropecuário. A plataforma, porém, não faz distinção entre grandes propriedades e agricultura familiar.

Figura 3. Uso do solo de Socorro/SP com a cor amarela indicando o uso agropecuário (85%), seguido por floresta em verde (13%) e área não vegetada em vermelho (2%), ou seja, urbanizada (MAPBIOMAS, 2024).



Para nossa pesquisa, o enfoque foi na agricultura familiar, atendendo a definição pela Lei nº 11.326/2006 da Constituição Brasileira: “considera-se agricultor familiar aquele que pratica atividades no meio rural, não detenha, a qualquer título, área maior do que quatro módulos fiscais, utilize mão de obra da própria família nas atividades econômicas, tenha um percentual mínimo da renda familiar originada de atividades econômicas do seu estabelecimento e dirija o estabelecimento com a família” (BRASIL, 2006).

Em conformidade ainda com a Lei Federal nº 8.629 de 25 de Fevereiro de 1993, alterada pela Lei nº 13.465 de 2017, que define pequena propriedade como: “Área até quatro módulos fiscais, respeitando a fração mínima de parcelamento” (BRASIL, 2017). A partir da ferramenta ‘Consultar Índices Básicos’ do INCRA, disponível no site <https://gov.br>, é possível aferir que 16 hectares é o módulo fiscal para Socorro, ou seja, as classificadas ‘pequenas propriedades’ no município são aquelas com até 64 hectares.

Portanto, todos os entrevistados obrigatoriamente residem no município e em propriedades rurais até 64 hectares. A solicitação para a realização das entrevistas foi aprovada em 12 de setembro de 2024 pelo Comitê de Ética da Universidade Federal de São Carlos/UFSCar com CAAE (Certificado de Apresentação de Apreciação Ética) de número 74673223.5.0000.5504.

3.3 Métodos

A metodologia foi dividida em três etapas, sendo a primeira uma análise bibliométrica, seguida da realização de entrevistas estruturadas para agricultores do município e, por fim, entrevistas semiestruturadas presenciais em propriedades de interesse.

3.3.1 Análise bibliométrica

Foi realizada visando evidenciar o ‘estado da arte’, ou seja, entender quais temáticas têm sido mais relevantes, discutidas e publicadas dentro do universo da agroecologia e do turismo rural juntos. Adicionalmente, ter também um panorama do que já foi publicado no passado.

Com este objetivo, foi realizada análise bibliográfica utilizando a coleção principal da base de dados *Web of Science*, que garante confiabilidade e relevância das publicações. Em pesquisa realizada em 08/03/2024 foram inseridos os termos (topics): “agroecolog*” OR “small farm*” OR “peasant*” OR “famil* farm*” OR “smallhold*” AND “touris*” OR “ecotouris*” OR “agritouris*” OR “agrotouris*” OR “rural touris*”.

O uso do asterisco como operador booleano garante que termos derivados como *agroecological*, *ecotourist*, *touristic*, *farming*, dentre outros, também sejam contemplados. O objetivo foi selecionar os trabalhos publicados na intersecção entre a agroecologia, agricultura familiar e o turismo, ecoturismo, turismo rural ou agroturismo.

Para fins estatísticos, foram considerados todos os anos de publicação—entre 1986 a 2023—, porém com um olhar mais aprofundado nos trabalhos mais recentes (últimos 10 anos). Foram apenas consideradas as publicações dos tipos ‘*article*’, ‘*early access*’ e ‘*review article*’, ou seja, artigos e artigos de revisão, excluindo outros tipos, considerados menos relevantes ou que não passaram pelo escrutínio de pares.

A busca foi realizada em 08/03/2024, encontrando 319 resultados correspondentes. Em seguida, foi realizada análise de cada um dos resumos e exclusão de artigos que não tinham a direta relação com o tema proposto da agroecologia ou agricultura familiar e turismo, ecoturismo, turismo rural ou agroturismo. Ao todo, 57 trabalhos foram removidos, deixando um total de 262.

As publicações foram avaliadas de maneira quantitativa e qualitativa, como exemplificado na Tabela 2.

Tabela 2. Tipos de análise quantitativas e qualitativas (Autor, 2024).

Quantitativa	Qualitativa
Países	Número de citações
Autores	Índice H
Áreas de Pesquisa	
Instituições	
Temporal (publicações e citações)	

As análises buscam compreender quais países são referência na área, os autores e as instituições que mais publicam, além buscarmos uma visão de quais áreas de pesquisa estão mais presentes em nosso tema. Adicionalmente, podemos visualizar se o objeto de estudo está em crescimento, estabilizado ou em decréscimo a partir do número de publicações e citações ao longo dos anos.

Além destas métricas quantitativas, é importante explorarmos se um alto número de publicações necessariamente se reflete em qualidade nos trabalhos. Para avaliar de maneira qualitativa, será observado o número de citações e o Índice H de cada país, considerando que ambos indicadores refletem uma maior relevância dos artigos.

3.3.2 Entrevistas estruturadas

Após análise teórica do 'estado da arte' sob uma ótica global das pesquisas que relacionam a agroecologia e o turismo, esta etapa seguinte objetivou compreender de maneira ampla como está a situação do tema no município de Socorro, São Paulo. Sabendo que a conexão entre uma agricultura agroecológica e o turismo não é muito difundida na região, foi determinada a aplicação de entrevistas estruturadas guiadas por roteiro (Apêndice A) para agricultores/as familiares residentes no município.

Buscando entender como este perfil de produtores se organiza: espacialmente (quais bairros), se são proprietários de terras ou arrendatários, como se dá a utilização de agrotóxicos, arranjos produtivos (mono ou policultivos), presença de elemento arbóreo/mata e qual importância/valor é dada para a vegetação nativa.

Na seleção dos entrevistados, foram adotados dois critérios principais de inclusão e exclusão. O primeiro foi o perfil do entrevistado, considerando apenas agricultores responsáveis pela produção, excluindo atravessadores e intermediários. O segundo foi o critério geográfico, abrangendo exclusivamente agricultores que produzem em sítios localizados no município de Socorro, desconsiderando aqueles que residem ou cultivam em outros municípios.

As entrevistas estruturadas foram aplicadas nas três principais feiras da cidade — popularmente conhecidas como 'feira do fórum', 'feira orgânica' e 'feira livre'. Foram realizadas entrevistas nos dias 26/04/24 (feira do fórum), 04/05/24 (feira orgânica), e 21/07/24 (feira livre) com um total de 13 respostas.

3.3.3 Entrevistas semiestruturadas

Já a realização de entrevistas semiestruturadas guiadas por roteiro (Apêndice B) teve como objetivo buscar um entendimento mais profundo, com exemplos específicos, com proprietários de interesse. Se as entrevistas estruturadas buscaram um cenário geral de agricultores/as familiares no município de Socorro, esta etapa seguinte se debruça sobre propriedades com práticas agroecológicas e potencial turístico.

O método escolhido foi a aplicação de entrevistas semiestruturadas, um formato popular de colheita de dados qualitativos que já é comprovadamente versátil e flexível (KALLIO et al, 2016). Entrevista semiestruturada é o método indicado quando o objetivo do pesquisador é entender melhor a perspectiva específica de um participante ao invés de um fenômeno generalizado (MCGRATH et al, 2019).

Diferentemente de outros métodos, as entrevistas semiestruturadas são feitas com roteiro que não é usado de forma linear, com exatamente as mesmas perguntas sendo feitas na mesma ordem. Mas, com um roteiro que serve como guia, dando estrutura e foco para conversa, mas a deixando seguir seu fluxo natural e, como resultado, facilitando com que cada interação seja única (ADEOYE-OLATUNDE et al, 2021).

Seguindo manual de boas práticas de Kallio et al. (2016) foi feita a (I) identificação de pré-requisitos para a utilização de entrevistas semiestruturadas, (II) utilização de conhecimentos prévios, (III) formulação de roteiro preliminar de questões, (IV) teste piloto e (V) aplicação completa.

O Roteiro de Entrevista Estruturada foi aplicado no dia 24/05/24 no Sítio São Luiz, no bairro do Oratório, seguido de aplicação em 19/08/24 no Sítio Boa Esperança, bairro dos Marianos, e em 23/08/24 na Pousada Mirante dos Adelphos, bairro dos Pereiras. Em 2025, foram realizadas mais duas visitas — Sítio Barrel em 16/01/25 e do Sítio Pereiras em 24/01/25, ambos no bairro dos Pereiras.

Todas as visitas tiveram aproximadamente uma hora e meia de duração e além da conversa, foi possível visitar os sistemas de produção dos proprietários. O áudio das entrevistas foi gravado e posteriormente reanalisado. Os pontos de maior interesse foram transcritos para facilitar seu uso na dissertação.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

4.1 Análise bibliométrica

Em busca realizada na coleção principal da plataforma *Web of Science* no dia 08/03/2024, utilizando os termos (*topics*) “*agroecolog**” OR “*small farm**” OR “*peasant**” OR “*famil* farm**” OR “*smallhold**” AND “*touris**” OR “*ecotouris**” OR “*agritouris**” OR “*agrotouris**” OR “*rural touris**” entre os anos de 1986 a 2023 e considerando apenas publicações classificadas como ‘*article*’, ‘*early access*’ e ‘*review article*’, foram encontrados 319 resultados.

Em seguida, foi realizada triagem com leitura dos resumos e exclusão de artigos que não possuem relação direta com os temas da agroecologia ou agricultura familiar e turismo, turismo rural ou agroturismo. Foram removidos 57 trabalhos, deixando um total de 262.

As publicações foram analisadas dentro de critérios quantitativos (quantidade de publicações por países, autores, instituições, áreas de pesquisa, ODS e temporal), qualitativos (número de citações e índice H) e estrutural (entre instituições, entre autores, entre países, entre termos e entre termos ao longo do tempo).

4.1.1 Quantitativos

O primeiro critério quantitativo avaliado foi o de publicações por países, onde Estados Unidos (43) e China (19) lideram, com o Brasil (17) aparecendo logo atrás na quinta colocação. Considerando que os primeiros colocados são países com tradição e investimento em pesquisa, fortalece a evidência de que, apesar dos desafios, nosso país é um destaque nessa intersecção da agroecologia/agricultura familiar e turismo/agroturismo.

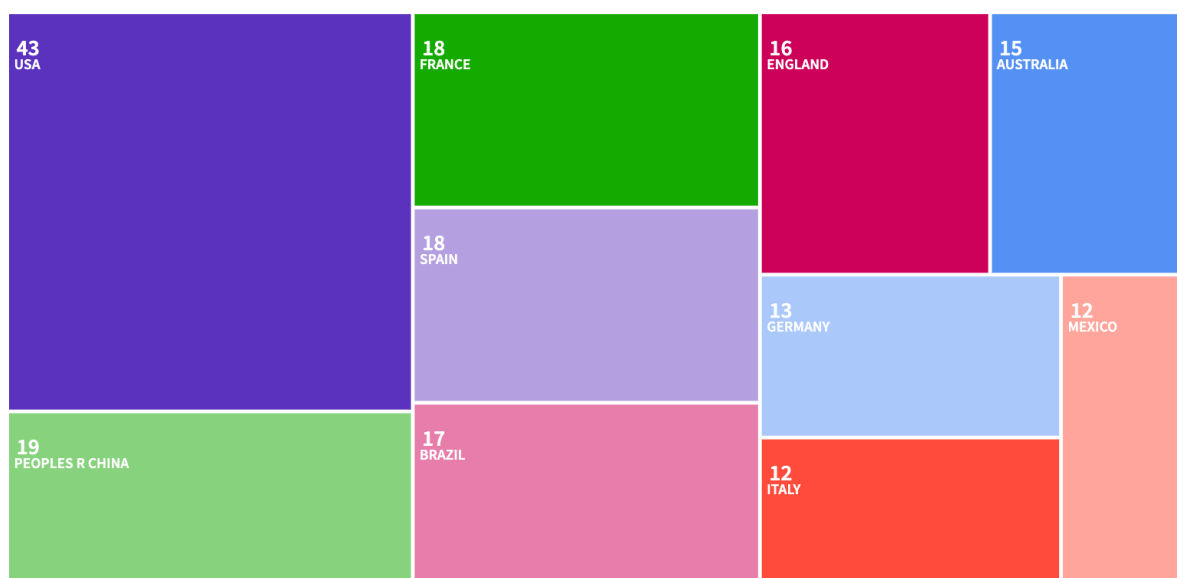
Apesar dos desafios que a produção científica enfrenta no Brasil, este relevante número de publicações demonstra que os estudos da agroecologia e agricultura familiar resistem. Como veremos mais adiante, a revisão bibliográfica traz exemplos de iniciativas em crescimento que vão na contramão da lógica do agronegócio, como Minasi et al. (2023) que destacam o aumento da produção de

cafés especiais em sistemas diversificados, como os agroflorestais, muitas vezes ligados à agricultura familiar e práticas agroecológicas, impulsionando o turismo.

Tabela 3. Lista de países com mais trabalhos publicados utilizando os termos “agroecolog*” OR “small farm*” OR “peasant*” OR “famil* farm*” OR “smallhold*” AND “touris*” OR “ecotouris*” OR “agritouris*” OR “agrotouris*” OR “rural touris*” entre os anos de 1986 a 2023 (Autor, 2024).

Países	Número de publicações	% dos 262 totais
Estados Unidos	43	16%
China	19	7,2%
França e Espanha	18	6,8%
Brasil	17	6,4%
Inglaterra	16	6,1%
Austrália	15	5,7%
Alemanha	13	4,9%
Itália e México	12	4,5%

Figura 4. Gráfico com países e número de publicações utilizando os termos “agroecolog*” OR “small farm*” OR “peasant*” OR “famil* farm*” OR “smallhold*” AND “touris*” OR “ecotouris*” OR “agritouris*” OR “agrotouris*” OR “rural touris*” entre os anos de 1986 a 2023 (Figura ilustrativa gerada pela Web of Science, 2025).



Como nação, os EUA se consolidam como o principal construtor de conhecimento (16% dos trabalhos publicados), porém os resultados para o ‘critério

autores' demonstra que há uma pulverização de publicações – nenhum autor se destacou como referência absoluta no tema, o que reflete um campo de pesquisa em desenvolvimento. Esta mesma observação foi feita por Da Silva e Ferreira (2023) em revisão sistemática de literatura sobre turismo rural e agricultura familiar com publicações entre os anos de 2016 e 2020.

Tabela 4. Autores com mais publicações utilizando os termos “agroecolog*” OR “small farm*” OR “peasant*” OR “famil* farm*” OR “smallhold*” AND “touris*” OR “ecotouris*” OR “agritouris*” OR “agrotouris*” OR “rural touris*” entre os anos de 1986 a 2023 (Autor, 2024).

Autores	Número de publicações	% dos 262 totais
GASCON, Jordi	5	1,9%
ADDINSALL, Cherise; ANNES, Alexis; GLENCROSS, Kevin; KHANAL, Aditya R.; MIN, Qingwen; SCHERRER, Pascal; WEILER, Betty V.; YANG, Lun	3	1,1%

Considerando as áreas de pesquisa das publicações, ‘Ecologia e Ciências Ambientais’ lidera com 29%, seguida por ‘Agricultura’ (17,9%) e ‘Ciências Sociais’ (17,1%). Ainda no ‘top 10’ das áreas temos as humanidades ‘Geografia’ (12,2%), ‘Sociologia’ (5,7%), ‘Antropologia’ (4,1%) e ‘Area Studies’ (4,1%). Esta última é pouco comum no Brasil, mas é um campo interdisciplinar das humanidades, geralmente envolvendo relações internacionais, história, ciência política, dentre outros. Nas exatas temos ‘Economia Empresarial’ (9,5%) e ‘Ciência da Tecnologia’ (15,2%).

A predominância da ecologia, ciências ambientais, agricultura e ciências sociais, sublinha a natureza intrinsecamente multidisciplinar do tema, já que a agroecologia aborda a produção de alimentos de forma sustentável e integrada ao meio ambiente (ROSSET & ALTIERI, 2017) e o turismo rural frequentemente envolve aspectos sociais, culturais e econômicos das comunidades rurais (DE SOUZA et al, 2019). A produção familiar integrada ao turismo rural oferece aos visitantes uma vivência familiar ligada à produção, ressaltando tradições e modos de vida, promovendo um intercâmbio cultural enriquecedor (MOGROVEJO et al, 2019 e SETIYORINI, 2019). Essa conexão multidisciplinar parece ser essencial para um desenvolvimento sustentável do turismo rural em contextos agroecológicos.

Figura 5. Números de publicações utilizando os termos “agroecolog*” OR “small farm*” OR “peasant*” OR “famil* farm*” OR “smallhold*” AND “touris*” OR “ecotouris*” OR “agritouris*” OR “agrotouris*” OR “rural touris*” e áreas de pesquisa de 1986 a 2023 (Figura ilustrativa gerada pela *Web of Science*, 2025).

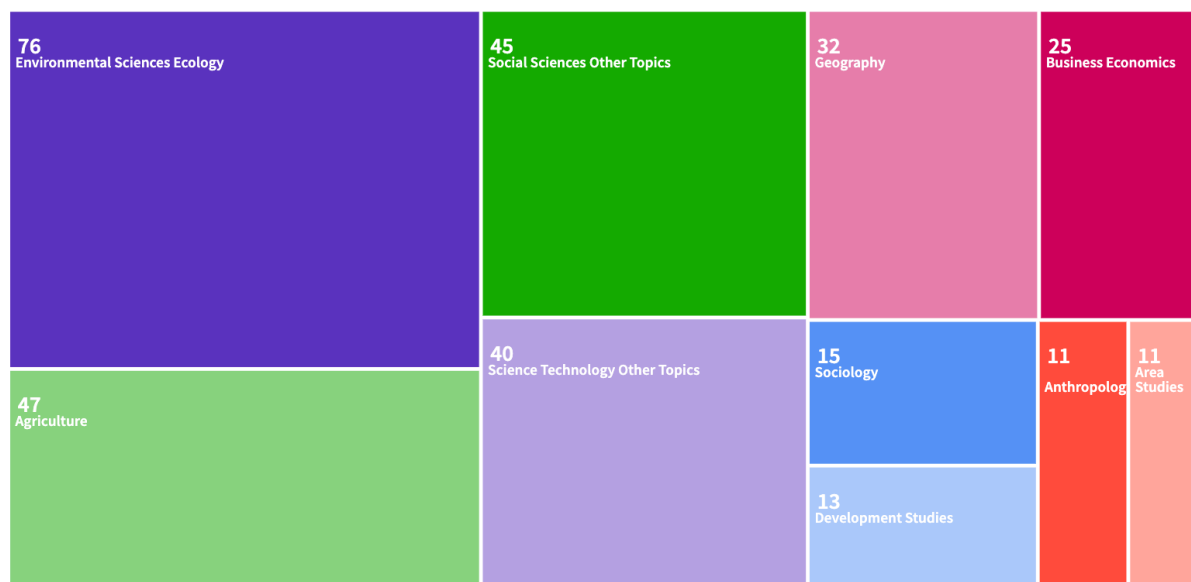


Tabela 5. Áreas de pesquisa e publicações utilizando os termos “agroecolog*” OR “small farm*” OR “peasant*” OR “famil* farm*” OR “smallhold*” AND “touris*” OR “ecotouris*” OR “agritouris*” OR “agrotouris*” OR “rural touris*” de 1986 a 2023 (Autor, 2025).

Áreas de pesquisa	Número de publicações	% dos 262 totais
Ciências Ambientais e Ecologia	76	29%
Agricultura	47	17,9%
Ciência Sociais	45	17,1%
Ciência da Tecnologia	40	15,2%
Geografia	32	12,2%
Economia Empresarial	25	9,5%
Sociologia	15	5,7%
Estudos para o Desenvolvimento	13	4,9%
Antropologia; Area Studies	11	4,1%

No critério instituições, centros de pesquisa públicos franceses se destacam — o INRAE (*Institut National de recherche pour l’agriculture, l’alimentation et l’environnement*) e o L’Institut Agro com seis e cinco publicações, respectivamente.

Em seguida, aparecem o State University System of Florida (grupo composto por 12 universidades públicas do estado homônimo nos EUA) e as universidades Autônoma do México, Barcelona, Copenhagem e Londres também com cinco publicações.

Interessante destacar que alguns países que figuram na lista já possuem forte tradição agrícola e turística — como França, Estados Unidos, Espanha e Brasil. Alguns são mais notórios apenas pelo turismo (Dinamarca e Reino Unido) e outros pela agricultura (China e México).

Tabela 6. Nome das instituições e seu número de publicações utilizando os termos “agroecolog*” OR “small farm*” OR “peasant*” OR “famil* farm*” OR “smallhold*” AND “touris*” OR “ecotouris*” OR “agritouris*” OR “agrotouris*” OR “rural touris*” de 1986 a 2023 (Autor, 2024).

Autores	Número de publicações	% dos 262 totais
INRAE	6	2,2%
Institut Agro; State University System of Florida; Universidad Nacional Autónoma de México; University of Barcelona; University of Copenhagen; University of London	5	1,9%
Center National de La Recherche Scientifique (CNRS); Chinese Academy of Sciences; Ministry of Education Science of Ukraine; Southern Cross University, University of Adelaide; University of Florida	4	1,5%

O último critério quantitativo avaliado é o de publicações ao longo do tempo (Figura 6 e Tabela 7), mostrando uma tendência de crescimento contínuo, o que pode ser interpretado como relevância e não esgotamento do tema. Desde de 2016, a cada ano que passa, mais trabalhos são publicados. Isso pode ser um reflexo de uma maior conscientização sobre a importância da sustentabilidade, tanto na agricultura como no turismo. Minasi et. al (2023), Da Silva e Ferreira (2023) e Feiden et. al (2023) reconhecem o potencial do turismo para complemento de renda e geração de emprego para agricultura familiar, agregando valor a produtos e serviços.

Figura 6. Gráfico de crescimento das publicações utilizando os termos “agroecolog*” OR “small farm*” OR “peasant*” OR “famil* farm*” OR “smallhold*” AND “touris*” OR “ecotouris*” OR “agritouris*” OR “agrotouris*” OR “rural touris*” de 1986 a 2023 (Autor, 2025).



As únicas rupturas com este padrão foram 2021 (queda de 26,3% em comparação ao ano anterior) e 2023 (queda de 31,7% em comparação ao ano anterior). Com exceção da área da saúde, as pesquisas no ano de 2021 foram severamente afetadas pela pandemia de COVID-19. Do mesmo modo, pesquisas que já estavam em andamento, mas que tiveram suas publicações postergadas também por causa da crise sanitária global, são uma hipótese para o maior número de publicações no ano de 2022 e que, a partir de 2023, voltam a normalizar.

Esta tendência de crescimento do número de publicações também foi encontrada em análise temática de literatura de Magalhães et. al (2021) e na revisão sistemática de literatura de Da Silva e Ferreira (2023). Magalhães et. al (2021) relacionaram empreendedorismo rural, agricultura familiar e sustentabilidade, identificando um aumento substancial de trabalhos a partir de 2018. Já Da Silva e Ferreira (2023) analisaram os termos turismo rural e agricultura entre 2016 e 2020, o que, embora não abranja um período tão extenso, corrobora com o crescimento identificado.

Tabela 7. Número de publicações utilizando os termos “agroecolog*” OR “small farm*” OR “peasant*” OR “famil* farm*” OR “smallhold*” AND “touris*” OR “ecotouris*” OR “agritouris*” OR “agrotouris*” OR “rural touris*” ao longo dos anos entre 1986 a 2023 (Autor, 2024).

Ano	Número de publicações	% dos 274 totais
2023	28	10,6%
2022	41	15,6%
2021	28	10,6%
2020	38	14,5%
2019	20	7,6%
2018	18	6,5%
2017	11	4,1%
2016	6	2,2%
2015	14	5,3%
2014	9	3,4%

Em suma, a análise bibliométrica quantitativa revela um panorama dinâmico e multifacetado da produção científica na intersecção entre agroecologia/agricultura familiar e turismo rural/agroturismo/ecoturismo. A liderança dos Estados Unidos e da China em número de publicações, com o Brasil figurando em uma posição de destaque, reforça a relevância global do tema, especialmente considerando a forte tradição agrícola destes países. Apesar da pulverização de autores, indicando um campo de pesquisa ainda em desenvolvimento, a predominância de áreas como ‘ciências ambientais e ecologia’, ‘agricultura’ e ‘ciências sociais’ reforça a natureza intrinsecamente multidisciplinar da agroecologia e do turismo rural.

O destaque de instituições de pesquisa públicas francesas, juntamente com universidades de múltiplos países com tradição agrícola ou turística, sinaliza o engajamento de diversos atores na produção do conhecimento. Finalmente, a tendência de crescimento contínuo no número de publicações, com exceção de queda pontual, possivelmente relacionada a pandemia de COVID-19, demonstra a crescente relevância e potencial de desenvolvimento futuro do tema. Essa tendência de crescimento é corroborada por outras análises da literatura, como de Magalhães et. al (2021) e Da Silva e Ferreira (2023).

4.1.2 Qualitativos

Visando avaliar de maneira qualitativa os resultados da base de dados, foram escolhidos os critérios de número de citações e índice H de cada país, ambos obtidos também através da plataforma da *Web of Science*. O raciocínio foi que determinado país pode publicar em grande volume (resultado quantitativo), porém seus trabalhos podem receber poucas citações e, conseqüentemente, ter um índice H baixo, indicando pouca relevância (resultado qualitativo). Ou alguma nação não tenha um volume tão grande publicado, mas que recebe muitas citações, podendo indicar uma produção científica de qualidade.

O índice H, ou no inglês *h-index*, é uma métrica que visa quantificar a produtividade e o impacto de determinado pesquisador, departamento ou, em nosso caso, país. Baseia-se na correlação de artigos publicados com o número de citações.

Por exemplo, para obter um índice H de valor cinco, o país precisa ter cinco publicações com pelo menos cinco citações cada. Para um índice H de valor seis, são necessárias seis publicações com pelo menos seis citações em cada e assim por diante. A nação pode ter 100 publicações, mas não obtendo mais de cinco citações em mais de cinco delas, seu índice continuará como cinco.

Comparando o número de citações que cada país recebeu com o de suas publicações, podemos realizar uma comparação entre os que mais publicaram (Tabela 3) com os que mais receberam citações (Tabela 9), estabelecendo um número de variação de posições. Para exemplificar, os EUA foram os que mais publicaram e os que mais receberam citações, logo sua variação de posição foi 0.

Surpreendentemente, países que se destacaram no número de citações foram Bélgica e Quênia, que haviam ficado em 27º e 22º, respectivamente, no quesito publicações e subiram, para 4º e 5º. Representando uma variação de posição de +23 para os belgas e +17 para os quenianos.

Os resultados específicos de Bélgica e Quênia, no entanto, refletem a relevância de trabalhos específicos. No caso da Bélgica, 79% de suas citações vêm do mesmo trabalho — *Proximate causes of land-use change in Narok District, Kenya: a spatial statistical model* (SERNEELS & LAMBIN, 2001). A área analisada foi no Quênia, mas o estudo foi realizado pela Universidade de Louvain, Bélgica, buscando identificar forças motrizes para as alterações do uso do solo através de

análise espacial e estatística, incluindo a agricultura altamente mecanizada e o turismo.

Tabela 8. Top 10 países com mais citações utilizando os termos “agroecolog*” OR “small farm*” OR “peasant*” OR “famil* farm*” OR “smallhold*” AND “touris*” OR “ecotouris*” OR “agritouris*” OR “agrotouris*” OR “rural touris*” ao longo dos anos entre 1986 a 2023 e Brasil (Autor, 2024).

Posição	Variação de posição	País	Número de citações
1º	0	Estados Unidos	1.275
2º	+4	Inglaterra	404
3º	-1	China	372
4º	+23	Bélgica	371
5º	+17	Quênia	269
6º	+5	Colômbia	247
7º	+4	México	232
8º	-1	Austrália	230
9º	-6	Espanha	223
10º	-7	França	208
29º	-24	Brasil	48

Já no do Quênia, 75% das citações do país vêm de dois artigos — *Western environmental values and nature-based tourism in Kenya* (AKAMA, 1996) e *Networked, rooted and territorial: green grabbing and resistance in Chiapas* (ROCHELEAU, 2015). O primeiro apresenta uma avaliação histórica dos valores ocidentais e da forma com que estes influenciam a conservação da vida selvagem e o turismo baseado na natureza. Já o segundo estudo, realizado em parceria entre a Clark University (Massachusetts, EUA) e organização global com sede em Nairóbi, (*World Agroforestry Centre* e *Ford Foundation*), analisa como a apropriação de terras para conservação ambiental (*green grabbing*) ocorre em Chiapas, México. Um bom exemplo do reflexo da globalização nas pesquisas.

O resultado brasileiro surpreende negativamente, com a maior queda registrada. O país aparecia com relevância no top 5 países com mais publicações, mas na análise do número de citações, despenca 24 posições, aparecendo na 29º

colocação, ficando atrás de países do próprio sul global como Equador (16º) e Tailândia (27º).

Uma análise reducionista de que apesar do número relativamente alto de publicações sobre o tema, os trabalhos têm pouca qualidade, sendo pouco citados, não reflete a realidade nacional. A análise desta queda não tem resposta pronta e é uma combinação de fatores qualitativos, estruturais e contextuais. Foge do escopo do presente trabalho esta discussão mais aprofundada, mas é necessário destacar as dificuldades de financiamento e valorização do/a pesquisador/a no Brasil, dificultando participações em congressos internacionais e pressão por publicações rápidas realizadas por instituições e agências de fomento com metas rígidas, deixando a realidade brasileira desafiadora.

Outros pontos a serem considerados são as redes de cooperação internacional entre instituições, onde muitos artigos são produzidos em parceria com autores estrangeiros e o Brasil demonstra muito menos parcerias do que países europeus ou asiáticos, por exemplo. Também quero pontuar que a base de dados têm seu viés — a Web of Science (WoS) tem preferência por revistas de língua inglesa, portanto se muitos trabalhos brasileiros estão publicados em revistas latino-americanas não indexadas na WoS, isso reduz a métrica de citações.

Já o índice H minimiza o efeito de trabalhos pontuais com um número de citações muito acima da média, refletindo em uma menor variação de posição dos países (Tabela 10). Comparando com o número de publicações absoluto, Estados Unidos (índice H 21) e China (índice H 10) se mantiveram na primeira e segunda colocação, respectivamente. Observamos ainda saltos consideráveis de posição da Inglaterra (quatro posições) e Austrália (três posições) no top cinco, levantando a hipótese de que estes países têm suas pesquisas favorecidas pelo fato de seu idioma nativo ser o inglês.

Seguindo a tendência da classificação pelo número de citações, o Brasil despencou no ranking de índice H, caindo 14 posições (índice H 03). Exemplificando a questão da importância de cooperação internacional e do idioma, os únicos trabalhos que tiveram mais de três citações foram publicados em inglês, dois deles em parceria com instituições da Europa e Estados Unidos (CHIODO et al, 2019 e MAIOLI et al, 2021) e o terceiro na revista colombiana *Cuadernos de Desarrollo Rural* (SALVAGNI, 2020). Seis trabalhos tiveram ao menos uma citação, enquanto os demais 11 não foram citados (Tabela 11). Na sequência, vamos

entender melhor estes trabalhos e como eles se relacionam com o turismo, a agroecologia e o meio rural.

Tabela 9. Top países com maior índice H utilizando os termos “agroecolog*” OR “small farm*” OR “peasant*” OR “famil* farm*” OR “smallhold*” AND “touris*” OR “ecotouris*” OR “agritouris*” OR “agrotouris*” OR “rural touris*” ao longo dos anos entre 1986 a 2023 e Brasil (Autor, 2024).

Posição	Variação de posição	País	Índice H
1º	0	Estados Unidos	21
2º	0	China	10
2º	+4	Inglaterra	10
4º	+3	Austrália	09
5º	-2	França	08
5º	-2	Espanha	08
7º	+2	Itália	07
8º	+4	Polônia	06
19º	-14	Brasil	03

Tabela 10. Artigos brasileiros com uma ou mais citações utilizando os termos “agroecolog*” OR “small farm*” OR “peasant*” OR “famil* farm*” OR “smallhold*” AND “touris*” OR “ecotouris*” OR “agritouris*” OR “agrotouris*” OR “rural touris*” entre 1986 a 2023 (Autor, 2024).

Título	Número de citações	Países envolvidos
<i>Agritourism in Mountainous Regions-Insights from an International Perspective</i> (2019) — Chiodo, E.; Fantini, A.; Dickes, L.; Arogundade, T.; Lamie, R.D.; Assing, L. Stewart, C. & Salvatore, R.	37	Brasil, Itália e França
<i>Local Perception in Forest Landscape Restoration Planning: A case study from the Brazilian Atlantic Forest</i> (2021) — Maioli, V.; Monteiro, L.M.; Tubenclak, F.; Pepe, I.S.; de Carvalho, Y.B.; Gomes, F.D.; Strassburg, B.B. & Latawiec, A.E.	8	Brasil, Polônia e Inglaterra
<i>Cooperation, Innovation and Tourism in the Grape and Wine Region, Brazil</i> (2020) — Salvagni, J.; Valduga, V. & Noradi, C.H.	4	Brasil
<i>Resultados de la implementación del desarrollo</i>	2	Brasil e Espanha

rural territorial. Lecciones del enfoque LEADER en España versus el programa Territorios de la Ciudadanía en Brasil (2021) — García, E.C.; Medina, G.S. & Valverde, F.N.

O empreendedorismo rural sustentável e a agricultura familiar: uma análise temática da literatura (2021) — de Magalhães, M.F.; Bezerra, C.M.S. & Ramos, H.R. 1 Brasil

Turismo Rural e Novos Mercados para Produtos Alimentares Agroecológicos: Estudo de Caso da Rota Via Orgânica (2020) — Tonini, H. & Dolci, T.S. 1 Brasil

4.1.3 Trabalhos brasileiros

Considerando apenas os artigos brasileiros, o universo é de 17 publicações. A análise destes trabalhos é feita sobre a perspectiva do potencial do turismo como ferramenta de valorização de propriedades rurais agroecológicas ou em transição agroecológica.

No bojo analisado, o turismo e o meio rural são abordados de diversas maneiras, então para melhor entendimento, foi realizada uma divisão temática levando em consideração as principais características de cada artigo. Como ilustrado na Tabela 11, os principais eixos identificados foram (I) análise de paisagens rurais, (II) produtores com atividade turística, (III) turismo como potencial para o desenvolvimento local, (IV) políticas públicas e turismo, (V) artigos de revisão sistemática de literatura e (VI) agricultura familiar e iniciativa privada.

Tabela 11. Bibliografia brasileira utilizando os termos “*agroecolog**” OR “*small farm**” OR “*peasant**” OR “*famil* farm**” OR “*smallhold**” AND “*touris**” OR “*ecotouris**” OR “*agritouris**” OR “*agrotouris**” OR “*rural touris**” entre 1986 a 2023 dividida por temas (Autor, 2025).

Divisão temática	Número de trabalhos	Título
Análise de paisagens rurais	05	Área de Proteção Ambiental Rainha das Águas do município de Paraíba do Sul (RJ, Brasil): estudo da cobertura florestal, contingências e manejo (2020) — Lima, M.C; Menezes, S.J.M.C. & de Almeida, F.S. <i>Local Perception in Forest Landscape Restoration Planning: A case study from the</i>

- Brazilian Atlantic Forest* (2021) — Maioli, V.; Monteiro, L.M.; Tubenclak, F.; Pepe, I.S.; de Carvalho, Y.B.; Gomes, F.D.; Strassburg, B.B. & Latawiec, A.E.
- Novas Expressões e Metamorfoses do Espaço Rural em Sangradouro – Araranguá/SC (2020) — Alves, A.T. & Chelotti, M.C.
- Rural Landscape and Family Farming In Rio De Janeiro State* (2021) — Marafon, G.J.
- Serviços ecossistêmicos e sua importância para a dinâmica e conservação do Pampa: uma análise da categoria familiar na fronteira Sant’Ana do Livramento/BR e Rivera/UY (2021) — Almeida Netto, T. & Verdun, R.
- Produtores com atividade turística 04 *Agritourism in Mountainous Regions-Insights from an International Perspective* (2019) — Chiodo, E.; Fantini, A.; Dickes, L.; Arogundade, T.; Lamie, R.D.; Assing, L. Stewart, C. & Salvatore, R.
- Cultivo de cafés e turismo no sistema de agrofloresta no Brasil (2023) — Minasi, S.M.; Tavares, B.C.; de Oliveira, A.N. & Pagnussat, E.
- Turismo Rural e Novos Mercados para Produtos Alimentares Agroecológicos: Estudo de Caso da Rota Via Orgânica (2020) — Tonini, H. & Dolci, T.S.
- Turismo rural integrado a agricultura familiar: experiência da propriedade D’mary Morangos de Serranópolis do Iguaçu – PR (2023) — Feiden, A.; Marques, C.A.; Ferrari, C.T.R.R.; Marcelino, D.; Recalcatti, J. F.; Hanzen, M. & Zonin, W.J.
- Turismo como potencial para o desenvolvimento local 03 *Cooperation, Innovation and Tourism in the Grape and Wine Region, Brazil* (2020) — Salvagni, J.; Valduga, V. & Noradi, C.H.
- Turismo de base comunitária: uma perspectiva desde o bem viver como alternativa ao desenvolvimento na América Latina e Abya Yala (2020) — Vargas, R.C.; Zuñiga, C.H. & Alcantara, L.C.S.
- Turismo, empreendedorismo social e desenvolvimento local: o caso da Associação

		de Jovens Agroecologistas Amigos do Cabeço (JOCA) (2020) — de Souza, H. D.; de Farias, M.F.; Medeiros, V.C.F.A. & Ferreira, L.V.F.
Políticas públicas e turismo	02	<i>An Analysis of the Tourism State Policy Formation in Rondonia, Brazil</i> (2022) — Barbosa, M.C.P.S.; Medeiros, H.S.; da Costa, G.B. <i>Resultados de la implementación del desarrollo rural territorial. Lecciones del enfoque LEADER en España versus el programa Territorios de la Ciudadanía en Brasil</i> (2021) — García, E.C.; Medina, G.S. & Valverde, F.N.
Artigos de revisão sistemática de literatura	02	O empreendedorismo rural sustentável e a agricultura familiar: uma análise temática da literatura (2021) — de Magalhães, M.F.; Bezerra, C.M.S. & Ramos, H.R. Turismo Rural e Agricultura Familiar: Uma Revisão Sistemática de Literatura (2023) — da Silva, M.S. & Ferreira, H.C.H.
Agricultura familiar e iniciativa privada	01	Empreendimentos turísticos e agricultura familiar, elementos para uma abordagem de integração: estudo de caso na Serra da Mantiqueira, Minas Gerais (2023) — e Souza, J.P.M.; Chiodi, R.E. & da Silveira Junior, W.J.

Ao organizar a análise por temas, destacam-se os estudos de Da Silva e Ferreira (2023), intitulado ‘Turismo rural e agricultura familiar: uma revisão sistemática de literatura’ e Magalhães et al. (2021), ‘O empreendedorismo rural sustentável e a agricultura familiar: uma análise temática da literatura’. Ambos oferecem um panorama abrangente da produção acadêmica sobre a intersecção entre agricultura familiar e atividades complementares. Da Silva & Ferreira (2023) dão enfoque no turismo rural, enquanto Magalhães et al. (2021) investiga o empreendedorismo rural sustentável, onde o agroturismo se configura como uma das categorias identificadas.

Da Silva e Ferreira (2023) realizam uma revisão sistemática de literatura com o objetivo de analisar estudos publicados entre 2016 e 2020 que combinassem os termos ‘turismo rural’ e ‘agricultura familiar’. Os autores identificam possibilidades econômicas do turismo rural para a agricultura familiar, preservação ambiental e

potencialização da cultura: os agricultores compreendem como a atividade turística pode diversificar e aumentar a renda local, mas assimilam a importância de manter as práticas agrícolas, a cultura local e as experiências do campo, não de forma intocável, fato que é inevitável no mundo contemporâneo, e sim, na medida do possível (DA SILVA & FERREIRA, 2023).

Já Magalhães et al. (2021) buscam através de uma revisão sistemática de literatura investigar como o 'empreendedorismo rural' e a agricultura familiar contribuem para a sustentabilidade. A análise de 59 artigos entre os anos de 2015 e 2022 nas bases de dados Web of Science e Scopus, permitiu identificar um crescimento nas publicações sobre a temática a partir de 2018, com destaque para América Latina e Brasil. A maioria das pesquisas encontradas foi empírica com predominância de métodos qualitativos, sendo que o estudo ainda propõe uma agenda para pesquisas futuras, considerando problemáticas como o modelo produtivo e o impacto das mídias digitais no agroturismo.

As quatro fontes classificadas na temática 'produtores com atividade turística' oferecem diversas perspectivas sobre a relação entre agricultura familiar, sistemas de produção sustentáveis e o desenvolvimento do turismo no espaço rural, além de evidências significativas de que o turismo é uma ferramenta com o potencial de agregar valor em propriedades rurais. Por exemplo, '*Agritourism in Mountainous Regions — Insights from an International Perspective*' (CHIODO et al, 2019) embora não se concentre exclusivamente na agroecologia, menciona a busca de turistas rurais por experiências locais significativas e a valorização da diversidade cultural e biológica, características frequentemente associadas a sistemas de produção agroecológicos. A referência à Associação de Agroturismo Acolhida na Colônia, no estado de Santa Catarina, que promove o agroturismo familiar e a valorização de produtos locais, exemplifica um modelo onde a agricultura familiar, com potenciais práticas agroecológicas, se beneficia do turismo (CHIODO et al, 2019).

'Cultivo de cafés e turismo no sistema de agrofloresta no Brasil' (MINASI et al, 2023) demonstra como a adoção de sistemas agroflorestais no cultivo de cafés especiais não apenas diversifica a produção, mas também apresenta uma oportunidade significativa para o desenvolvimento do turismo. Características produtivas deste sistema, como agricultura familiar, práticas orgânicas e agroecológicas são fatores que influenciam a atração de turistas (MINASI et al, 2023). As pesquisadoras concluem que as atividades turísticas desenvolvidas nas

propriedades —recepção, hospedagem, alimentação e visitas guiadas—, agregam valor à produção cafeeira, oferecendo uma fonte de renda adicional aos agricultores (MINASI et al, 2023).

Outro exemplo concreto de como o turismo rural pode criar novos mercados e agregar valor a produtos agroecológicos é descrito em ‘Turismo rural e novos mercados para produtos alimentares agroecológicos: estudo de caso da Rota Via Orgânica’ (TONINI & DOLCI, 2020). A Via Orgânica é uma rota turística, localizada em Garibaldi/RS, que permite aos agricultores familiares o estabelecimento de cadeias curtas agroalimentares, vendendo diretamente aos turistas e oferecendo experiências na propriedade (TONINI & DOLCI, 2020). A cobrança de visitas e comercialização da produção geram renda direta, enquanto a visibilidade proporcionada pelo turismo fortalece a marca dos produtos agroecológicos. A agregação de valor não ocorre apenas na renda direta, mas também pela narrativa construída em torno da produção orgânica e da experiência rural (TONINI & DOLCI, 2020).

Já Feiden et. al (2023) em ‘Turismo rural integrado: experiência da propriedade D’Mary Morangos de Serranópolis do Iguaçu — PR’ ilustram a partir da experiência de agricultores familiares a diversificação das atividades econômicas, com o turismo contribuindo diretamente para a complementação da renda familiar e indiretamente, divulgando os produtos. Podemos afirmar que o turismo rural tem como principal objetivo melhorar as condições de vida das populações rurais, visando ampliar a renda familiar, contribuindo para a manutenção das famílias rurais no campo e para sua qualidade de vida, proteção ambiental e valorização da cultura local (FEIDEN et al, 2023).

Avançando para as três fontes agrupadas na divisão temática do turismo como potencial para o desenvolvimento local, todas corroboram com a hipótese de que a atividade possui potencial para agregar valor em propriedades agroecológicas ou em transição agroecológica. A cooperação e a inovação, como no caso da região vitivinícola da Serra Gaúcha (SALVAGNI et al, 2020), os princípios do Turismo de Base Comunitária, com foco na sustentabilidade e valorização comunitária (VARGAS et al, 2020), e a combinação entre turismo, empreendedorismo social e agroecologia, exemplificado na associação JOCA (DE SOUZA et al, 2020), são caminhos que mostram o turismo atuando na diversificação da geração de renda,

valorização de produtos e práticas sustentáveis, fortalecimento da identidade local e contribuição para o desenvolvimento rural de forma mais ampla.

'*Cooperation, Innovation and Tourism in the Grape and Wine Region, Brazil*' (SALVAGNI et al, 2020) explora como a cooperação entre produtores locais e a inovação no turismo impulsionaram o desenvolvimento na região vitivinícola do Brasil. Embora o foco principal seja o enoturismo, os princípios de associativismo e a busca por agregar valor aos produtos locais através de experiências e produtos diferenciados, são características aplicáveis para outros territórios e contextos. A formação de cooperativas e a organização em microgrupos de pequenos viticultores levaram à inovação em projetos de turismo, valorizando produtos artesanais e criando uma identidade territorial através do turismo (SALVAGNI et al, 2020).

Vargas et al. (2020) discutem o Turismo de Base Comunitária (TBC) como estratégia alternativa e emancipadora de desenvolvimento, fundamentada na perspectiva do "Bem Viver" de povos originários e comunidades rurais tradicionais. O artigo destaca que o TBC pode levar ao fortalecimento e recuperação dos territórios, resgate de práticas identitárias e simbólicas, além de promover o trabalho intergeracional, o associativismo e a conservação do território. Ao oferecer experiências turísticas que valorizam as práticas agroecológicas, a cultura local e a relação sustentável com a natureza, as propriedades podem se beneficiar do TBC, agregando não só valor econômico, mas também social e cultural, fortalecendo sua identidade cultural.

Já de Souza et al. (2020) trazem o conceito de empreendedorismo social dentro da JOCA (Associação de Jovens Agroecologistas Amigos do Cabeço), em Jandaíra/RN, utilizando o turismo como ferramenta para gerar autonomia, renda e sustentabilidade para a comunidade. As atividades turísticas ligadas à JOCA incluem vivências rurais em agroecologia, meliponicultura e gastronomia sertaneja, demonstrando o potencial da experiência para conectar os visitantes com práticas agroecológicas e produção local, agregando valor tanto para os produtores quanto para a comunidade.

Seguindo para os artigos na temática de políticas públicas, tanto Barbosa et. al (2022) quanto García et. al (2021), convergem indicando que as políticas desempenham um papel crucial no fomento do turismo como ferramenta de desenvolvimento local e agregação de valor em propriedades rurais. Barbosa et al. (2022) analisaram a formação de políticas públicas de turismo no estado de

Rondônia, as quais reconhecem o potencial da agricultura familiar e do patrimônio natural para a atividade turística. Já García et. al (2021) comparam políticas federais para o desenvolvimento territorial rural, uma na Espanha e outra no Brasil. Sua análise destaca a importância de abordagens integradas, de apoio à diversificação econômica —onde o turismo entra como opção— e à agricultura familiar.

Já os artigos classificados na temática de análise de paisagens rurais, têm em suas propostas um olhar mais amplo sobre territórios, como APAs, municípios ou até estados, visando identificar padrões ou resgatar o histórico da ocupação rural. Estas fontes também indicam um potencial significativo do turismo como ferramenta agregadora de valor em propriedades, especialmente quando integrado a práticas sustentáveis e agroecológicas (LIMA et al, 2020, MAIOLI et al, 2021, ALVES & CHELOTTI, 2020 e NETTO & VERDUM, 2021). O turismo pode ser uma fonte de renda complementar para a agricultura familiar, mas requer planejamento, capacitação e valorização da produção local (ALVES & CHELOTTI, 2020 e LIMA et al, 2020). Marafon (2021) analisa a paisagem rural do Rio de Janeiro, pontuando que a força da agricultura familiar no estado reside na sua diversidade de produção e que territórios que seguem resistentes ao modelo hegemônico de produção de commodities, apresentam natureza preservada e demanda turística, com pousadas e locação de casas de final de semana, atraindo populações urbanas e proporcionando um atividade econômica complementar à agricultura.

Por fim, ‘Empreendimentos turísticos e agricultura familiar, elementos para uma abordagem de integração: estudo de caso na Serra da Mantiqueira, Minas Gerais’ (SOUZA et al, 2023) identificou uma desconexão entre os agricultores familiares e os empreendimentos turísticos privados no município de Piranguçu/MG — os empreendedores optando pela compra em supermercados e os agricultores tendo que vender seus produtos para municípios vizinhos. Apesar da situação, os grupos demonstraram interesse em efetuar parcerias. Embora o foco da pesquisa não seja exclusivamente propriedades agroecológicas, ela constata que o meio rural tem adquirido importância como destino, onde a produção local é um dos principais atrativos (SOUZA et al, 2023). Também é destacado que a adesão da unidade familiar ao turismo irá depender do entendimento e da avaliação dos ganhos reais, como aumento da renda, divulgação e valorização de seus produtos, além do reconhecimento de suas atividades e práticas ecológicas.

Em suma, em maior ou menor grau, todos os artigos corroboram com a tese de que o turismo, em diversas formas, tem o potencial de agregar valor em propriedades agroecológicas ou em transição agroecológica. A atividade turística pode agregar valor econômico, complementando e diversificando a renda (FEIDEN et al, 2023 e SOUZA et al, 2023), oferecendo uma plataforma alternativa e novos mercados para a divulgação e comercialização dos produtos diretamente aos consumidores (TONINI & DOLCI, 2020).

A participação em rotas de turismo rural e a formação de redes entre produtores pode fortalecer a agricultura familiar através da cooperação, troca de experiências e acesso a mercados (TONINI & DOLCI, 2020 e SOUZA et al, 2023), gerando visibilidade para a região e valorizando características únicas (SOUZA et al, 2020). O turismo rural e o ecoturismo são identificados como categorias importantes que ligam sustentabilidade e agricultura familiar, embora possam enfrentar desafios como a sazonalidade e o cumprimento de exigências sanitárias (MAGALHÃES et al, 2021 e SOUZA et al, 2023). Ao integrar a atividade turística, o/a agricultor/a pode oferecer experiências únicas aos visitantes, criar novos mercados para seus produtos e, conseqüentemente, adicionar valor econômico, social e ambiental em suas atividades.

A análise bibliométrica aponta no sentido de que há um crescente interesse teórico na intersecção entre agroecologia e turismo rural/agroturismo/ecoturismo, com a pesquisa identificando um aumento significativo de publicações sobre o tema a partir de 2018, padrão também identificado por Magalhães et al. (2021) e Da Silva e Ferreira (2023). Estudos apontaram para as possibilidades econômicas do turismo rural para a agricultura familiar, além do seu potencial para preservação ambiental e melhoria das condições sociais (MINASI et al, 2023, DA SILVA & FERREIRA, 2023, FEIDEN et al, 2023, SOUZA et al, 2023, MAGALHÃES et al, 2021, DE SOUZA et al, 2020 e VARGAS et al, 2020).

Analisar de maneira temática os artigos brasileiros revelou diversas perspectivas sobre as relações entre agricultura familiar, sistemas de produção de base agroecológicas e a presença do turismo no espaço rural, evidenciando o potencial da atividade turística para a agricultura familiar (CHIODO et al, 2019, SALVAGNI et al, 2020, VARGAS et al, 2020 e MINASI et al, 2023). Ou seja, a análise bibliométrica confirma a existência de uma base teórica que liga o turismo à agroecologia e reconhece seu potencial para agregar valor à agricultura familiar.

4.2 Entrevistas estruturadas

As entrevistas estruturadas foram realizadas seguindo o intitulado Roteiro de Entrevista Estruturada (Apêndice A) nas três principais feiras de Socorro, chegando em um 'n' de 15 produtores.

Popularmente conhecida como 'feira do Fórum', foi visitada no dia 26/04/24. Realizada na Praça 9 de Julho, reúne agricultores e atravessadores. Foram entrevistados todos os expositores que residiam no município e fossem produtores diretos, excluindo, portanto, os atravessadores.

A coleta de dados na 'feira orgânica' foi em 15/06/24, ela ocorre aos sábados pela manhã e é sediada no Espaço do Produtor Rural Eng^o Agrônomo Joaquim Gilberto Vieira, local onde também fica o Departamento Municipal de Desenvolvimento Rural da cidade. Nela são admitidos apenas agricultores socorrenses com certificação orgânica, não contendo atravessadores. Apenas um participante desta feira não participa da 'feira do Fórum' e foi possível entrevistá-lo.

A última das principais feiras do município foi visitada em 21/07/24, a conhecida 'feira livre' acontece na Av. Dr. Rebouças, Centro, aos domingos pela manhã. É a maior das três, recebendo atravessadores e majoritariamente agricultores que cultivam de maneira convencional, ou seja, com adubos químicos, agrotóxicos e monocultivos. Neste dia foram realizadas seis entrevistas, número que representou metade do total de feirantes que expunham, escolhidos de maneira aleatória e de acordo com a disponibilidade para conversa de cada um.

É possível afirmar que as três principais feiras da cidade possuem perfis distintos. A 'feira orgânica' é a menor delas em quantidade de expositores e clientes, sendo a que mais possui agricultores que realizam manejos agroecológicos e propriedades que apresentaram maior potencial turístico. Já a 'feira livre' apresenta maior movimento de consumidores e barracas, maior participação de atravessadores e perfil de proprietários de áreas maiores, que utilizam agrotóxicos e com menor valorização da presença de mata nativa, segundo os entrevistados. Por fim, a 'feira do Fórum' é um espaço transitório entre as duas — meio termo em relação à quantidade de expositores e perfil misto de agricultores, convencionais e orgânicos.

Socorro tem a característica peculiar de receber um grande fluxo de visitantes aos finais de semana e feriados, o que muda a dinâmica das feiras realizadas nestas datas. Este fato que se alinha com as interpretações de Da Silva e Ferreira (2023) e Alves e Chelotti (2020) do turismo como uma possibilidade de promoção para a população rural, desenvolvendo-se por meio da pluriatividade e dos plurirrendimentos — neste caso, através do mercado que surge com o grande número de visitantes. Tonini e Dolci (2020) discutem a importância da criação de mercados alternativos para produtos agroecológicos através do turismo rural, onde a ‘feira orgânica’ já representa este canal de venda direta.

Diferentemente do estudo de caso do município de Piranguçu, Minas Gerais, utilizado na análise bibliométrica, onde os autores identificaram uma desconexão entre empreendedores turísticos e agricultores familiares, com os primeiros preferindo comprar em supermercados e os segundos tendo que comercializar sua produção para municípios vizinhos (SOUZA et al, 2023), em Socorro, as entrevistas estruturadas sugerem uma conexão mais direta entre produtores e consumidores, incluindo turistas. Embora a presença de atravessadores na ‘feira livre’ introduza uma complexidade nesta relação.

Os entrevistados citaram a existência de algumas rotas turísticas e articulações em andamento para torná-las mais atrativas, mas que ainda são pouco efetivas, assim como sugere Tonini e Dolci (2020), a simples existência de uma rota não se traduz automaticamente na criação de novos mercados para os produtores. Apesar das limitações de tempo e metodologia, a aplicação do Roteiro de Entrevista Estruturada nas três feiras apontou um panorama geral da situação dos/as agricultores/as e propriedades no município.

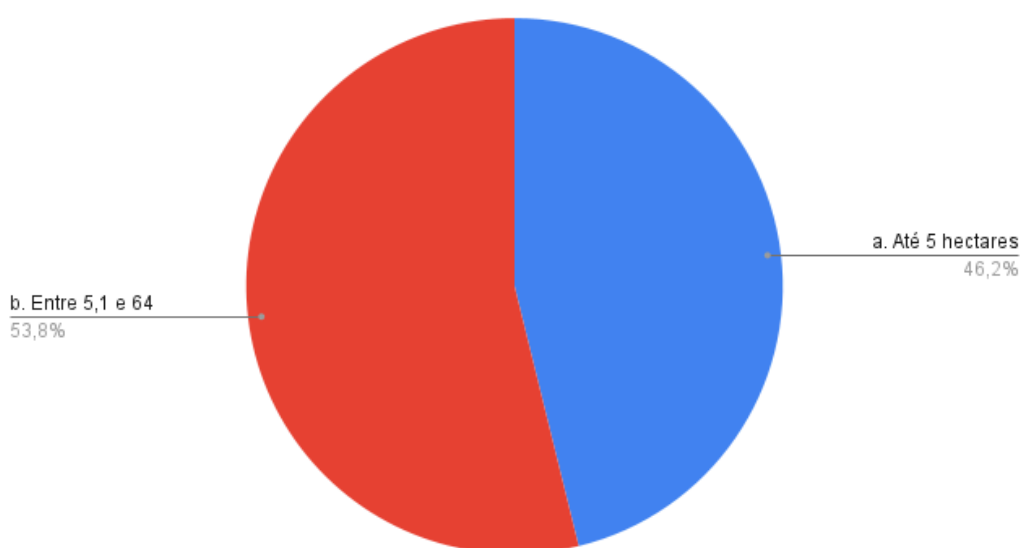
4.2.1 Perfil das propriedades

Especialmente as propriedades apresentaram grande dispersão, em 15 entrevistas foram 11 bairros diferentes, os únicos que aparecem em mais de uma resposta foram Bairro do Pinhal, Bairro Serra do Moquém e Bairro dos Pereiras. O último, inclusive, foi descrito como um local com tradição na agricultura orgânica, com alguns produtores que não participam das feiras, pois conseguem comercializar toda a sua produção com a Prefeitura de Socorro e de outros municípios, atendendo a Rede Pública de Ensino em conformidade com o PNAE (Programa Nacional de Alimentação Escolar).

Nenhum dos agricultores abordados possui propriedade rural classificada como de tamanho 'médio', todas são menores. Seguindo a classificação legal de propriedade rural definida Lei Federal nº 8.629 de 25 de Fevereiro de 1993, alterada pela Lei nº 13.465 de 2017 (BRASIL, 2017), e consulta da ferramenta Índices Básicos do INCRA, disponível em <https://gov.br>, no município de Socorro é classificada como 'pequena propriedade rural' aquelas com até 64 hectares.

Figura 7. Tamanho das propriedades dos/as agricultores/as em Socorro, São Paulo, Brasil (Autor, 2024).

Tamanho da propriedade



Sete entrevistados (46%) afirmaram cultivar em terrenos de até cinco hectares, enquanto oito (54%) em área com tamanho entre 5,1 e 64 hectares (Figura 7). O dado reforça que a média e grande propriedade não são as responsáveis pela produção dos alimentos que são comercializados nas feiras de Socorro e sim a pequena.

4.2.2 Perfil dos agricultores

Para traçar o perfil dos proprietários, buscamos entender se moram no local onde produzem, se são donos ou arrendatários, há quanto tempo habitam a zona rural, com quem aprenderam a lidar com a terra e faixa etária que ocupam.

A grande maioria mora na mesma propriedade onde cultiva (87%) e majoritariamente são donos dos terrenos (87%). A faixa etária dos responsáveis (Figura 8) pelo cultivo é relativamente alta — 47% está entre 55,1 a 70 anos, enquanto 40% ocupa a faixa dos 40,1 a 55 anos e apenas 13% têm entre 25,1 a 40, ilustrando o problema crônico do envelhecimento da população rural e a sucessão geracional na agricultura familiar destacado por Alves e Chelotti (2020).

Figura 8. Faixas etárias dos/as agricultores/as entrevistados/as em Socorro, São Paulo, Brasil



Fonte: Autor (2025).

A forte ligação familiar e entre o camponês e a terra também apareceram nas respostas. Quase a totalidade sempre morou em zona rural e no mesmo bairro onde cultiva até hoje (86%) e apenas um entrevistado não apontou familiares como responsáveis pelo aprendizado (Figura 9) de 'lidar com a terra' — 73% mencionaram os pais, 13% pais e avós e 7% apenas avós.

A grande maioria dos entrevistados foram homens (80%) sendo observado que mesmo quando mulheres foram abordadas para as entrevistas, em várias ocasiões, indicavam que o marido era o responsável e seria o mais indicado para responder as perguntas. O que sugere uma diferença nos papéis de gênero em

comparação com o identificado por Minasi et. al (2023) e Magalhães et. al (2021), onde a produção feminina é destaque na agricultura familiar associada ao turismo e ao empreendedorismo rural sustentável.

Figura 9. Origem do aprendizado com a terra, segundo os/as agricultores/as em Socorro, São Paulo, Brasil (Autor, 2024).



4.2.3 Perfil dos sistemas de produção e manejo

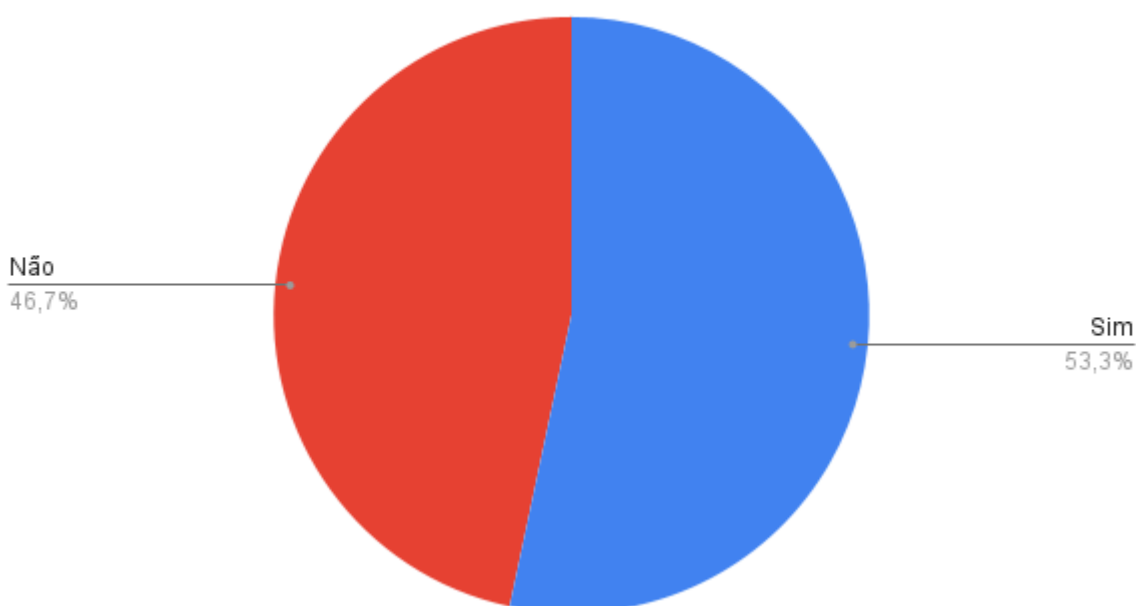
Apesar de alguns proprietários não serem certificados como orgânicos, uma porcentagem relevante afirmou não utilizar nenhum tipo de agrotóxico (53%), enquanto 47% disse utilizar. O cultivo em consórcio foi maioria (73%), enquanto 27% produzem em monocultivo. É importante ressaltar que a maioria dos produtos ofertados na feira são espécies de ciclos curtos como hortaliças e legumes, levando a implementação de roças com canteiros policultivados, justamente visando ter uma variedade para ser ofertada na banca.

O cultivo de frutíferas apareceu pouco, apesar de que sistemas agroflorestais foram citados. Todos os agricultores que possuem Sistemas Agroflorestais (SAFs) afirmaram que tiveram apoio do município através do projeto Sistemas Agroflorestais Produtivos, iniciativa da Secretaria de Meio Ambiente e

Desenvolvimento Sustentável da Prefeitura de Socorro no ano de 2023. Diferente do encontrado por Souza et. al (2023) em Piranguçu/MG, onde o poder público demonstra uma passividade na integração da agricultura familiar, as entrevistas estruturadas realizadas em Socorro, juntamente com iniciativas como a dos SAFs, o programa de hortas urbanas agroecológicas, a aplicação do Protocolo de Transição Agroecológica e a implementação das políticas municipais de Agroecologia e Produção Orgânica e de Segurança Alimentar e Nutricional Sustentável —todos projetos implementados entre os anos de 2021 e 2023—, indicam diferentes níveis de organização e articulação municipal.

Figura 10. Presença de elemento arbóreo na área de cultivo, segundo os/as agricultores/as em Socorro, São Paulo, Brasil (Autor, 2025).

Existe elemento arbóreo em sua área de cultivo?



Na maioria das propriedades o solo fica descoberto em algum momento do ciclo produtivo (67%), enquanto 33% disseram que realizam cobertura sempre. Os materiais utilizados são diversos, incluindo restos de outras culturas, podas e até lona plástica mulching. A presença de algum elemento arbóreo na área de cultivo, seja espécie nativa ou produtiva, foi de 53%, enquanto que nas demais 47% não existe (Figura 10). Esta caracterização geral de perfil de produção —relativo pouco uso de agrotóxicos, policultivos, SAFs, cobertura de solo e presença de elemento

arbóreo— é um fator de potencial atração de turistas, podendo fomentar atividades turísticas como recepção de visitantes, ofertas de alimentos e bebidas e visitas guiadas (MINASI et al, 2023 e TONINI & DOLCI, 2020).

Apesar de pouco difundido, arranjos produtivos que consorciavam árvores e culturas alimentares em arranjos sucessoriais e dinâmicos, imitando padrões da natureza, podem acelerar a ciclagem dos nutrientes, promovendo solo fértil e produtividade (GUIMARÃES & MENDONÇA, 2019). Mais do que a presença do elemento arbóreo, a superação da lógica da monocultura é um grande desafio na agroecologia, inclusive dentro da agricultura familiar, que muitas vezes, reproduz práticas ‘convencionais’ pela pressão econômica, falta de assistência técnica ou ausência de políticas públicas.

4.2.4 Presença e valorização da mata nativa

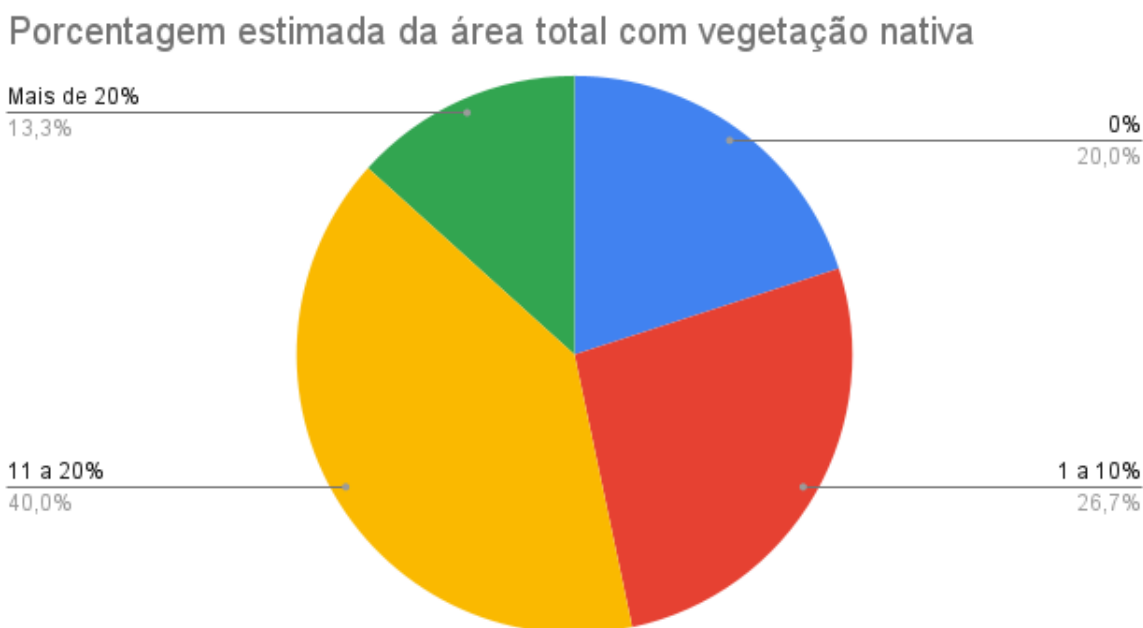
A ausência completa de mata nativa apareceu em três respostas, representando 20%. Apesar das áreas de Reserva Legal estarem previstas na Lei de Proteção da Vegetação Nativa (BRASIL, 2012), a justificativa foi de que eram propriedades pequenas e que toda extensão é usada para produção agrícola.

O tamanho preponderante foi de áreas de matas estimadas (Figura 11) entre 11 a 20% da área total das propriedades (40% dos casos), seguido de 1 a 10% da área total (27% dos casos). Terrenos com mais de 20% de sua extensão cobertos de vegetação arbórea são exceção (13%).

Quando perguntados sobre o significado ou valor que áreas naturais possuem, sejam florestas nativas ou cursos d’água, a resposta foi unânime: muito importantes. Atributos como a preservação das nascentes, dos cursos d’água e dos polinizadores foram os que mais apareceram.

Foi possível notar ainda que locais preservados tiveram mais valorização por parte dos agricultores que convivem nestas áreas: “são nosso tesouro, se não protegermos elas, não viveremos amanhã” ou “onde tem mata perto do cultivo, tem mais controle dos insetos”. Já produtores que não têm áreas protegidas dentro de seus terrenos, tiveram respostas mais genéricas ou com certo distanciamento: “é importante para preservação”, “é importante para os animais”. Fica evidente que embora os agricultores percebam o valor da ‘floresta nativa’, o valor econômico —uso da área para fins produtivos— predomina sobre o valor ambiental.

Figura 11. Porcentagem estimada da área total com vegetação nativa segundo os/as agricultores/as em Socorro, São Paulo, Brasil (Autor, 2024).



O fato de que 20% dos entrevistados afirma não possuir área de vegetação nativa contrasta com o mínimo legal exigido pela Lei de Proteção da Vegetação Nativa (BRASIL, 2012). A declaração minoritária (13%) de existência de cobertura vegetal além do mínimo exigido por lei, revela uma inconsistência entre a realidade prática do campo e uma percepção do município que se propõe a preservar e depende de seus recursos naturais como um de seus principais atrativos turísticos.

Embora Socorro tenha recentemente implementado medidas para a população do campo como o Programa Municipal de Saneamento Rural, o Protocolo de Transição Agroecológica e o projeto Sistemas Agroflorestais Produtivos, evidenciando uma posição ativa do poder público, o cumprimento à legislação de Reserva Legal segue sendo um desafio para muitos agricultores. A principal justificativa para esta ausência foi o tamanho da propriedade —46% dos entrevistados cultivam em áreas menores do que cinco hectares—, implicando que apesar do reconhecimento da importância da floresta nativa aparecer em todas as respostas, o valor econômico da área para fins produtivos muitas vezes se sobrepõem ao valor ambiental. Fragmentos florestais de pequeno porte e isolados são problemáticos para conservação da biodiversidade e dos recursos naturais, o

que aponta para a necessidade de um planejamento rural, incluindo educação ambiental e fiscalização.

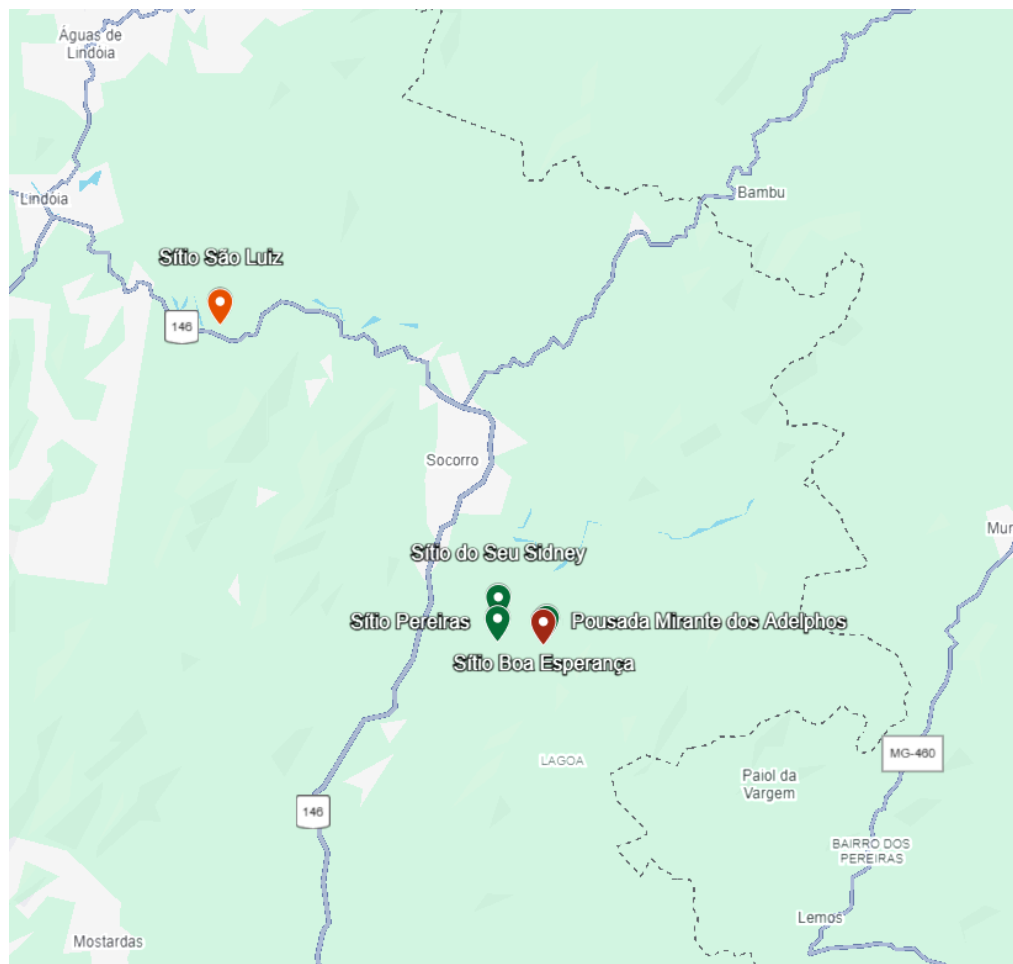
A análise a partir das entrevistas estruturadas realizadas nas três principais feiras de Socorro/SP forneceu um panorama geral do perfil dos agricultores familiares e de suas propriedades no município. Este perfil é caracterizado por propriedades predominantemente pequenas, com 46% cultivando em terrenos de até cinco hectares, e dispersas espacialmente por diversos bairros. Os agricultores demonstram forte ligação familiar com o meio rural, com quase a totalidade tendo vivido sempre em zona rural e aprendido a lidar com a terra por meio de seus pais e avós. Observou-se uma variedade nas práticas de produção e manejo, com uma porcentagem relevante afirmando não utilizar agrotóxicos (53%) e a maioria praticando o cultivo em consórcio (73%). A presença de vegetação nativa foi identificada em grande parte das propriedades, embora na maioria delas em proporção menor que o exigido pela Lei 12561/2012 (BRASIL, 2012) ou seja, em 20% da propriedade como Reserva Legal. Os resultados também apontam para uma conexão inicial com o turismo, especialmente por meio da venda direta de produtos nas feiras, influenciada pelo fluxo de visitantes da cidade, e sugerem que iniciativas municipais recentes apoiam a agricultura familiar e a agroecologia, contrastando com a situação observada em outros estudos. Este panorama, obtido exclusivamente através das entrevistas estruturadas, serve como base para a análise mais aprofundada nas etapas seguintes da pesquisa.

4.3 Entrevistas semiestruturadas

Diferentemente de outros métodos de coleta de dados, as entrevistas semiestruturadas são feitas com um roteiro que não é usado de forma linear, mas sim como guia, dando estrutura e foco para conversa (ADEOYE-OLATUNDE et al, 2021). O Roteiro de Entrevista Semiestruturada (Apêndice B) foi construído com o objetivo de tentar entender como as atividades do turismo e agricultura familiar estão se relacionando em uma mesma propriedade, além de refletir sobre as vantagens e desvantagens desta união.

A metodologia foi aplicada em cinco propriedades rurais — no Sítio São Luiz (Bairro do Livramento), Sítio Boa Esperança (Bairro dos Marianos), na Pousada Mirante dos Adolphos (Bairro dos Pereiras) e nas propriedades de Sidney Barrel e de Elias Rodrigues, ambas no Bairro dos Pereiras, todas em Socorro, São Paulo.

Figura 12. Disposição espacial das propriedades visitadas sendo a área central em cinza a urbanizada do município de Socorro, a localização em laranja o Bairro do Livramento, enquanto os pontos em verde são no Bairro dos Pereiras e o marrom no Bairro dos Marianos. Foto: Google Maps (2025).



4.3.1 Visita ao Sítio São Luiz

A propriedade é da família há gerações, tendo como destaque o aspecto cultural e histórico do bairro e da cidade. Nela funciona um moinho de pedra que foi reconstruído com materiais do início do século XX e um pilão de madeira para produção artesanal de paçoca. O proprietário EN01 (entrevistado 01) foi um dos poucos entrevistados dentro da faixa etária mais jovem (25,1 a 40 anos) e afirmou conhecer e 'buscar pelo conhecimento' da agroecologia.

Figura 13. Pilão de madeira usado na produção artesanal de paçoca, Socorro, São Paulo, Brasil (Autor, 2024).



Sua produção agrícola visa a subsistência e comercialmente produz pimentas para conservas. Na 'feira do Fórum' comercializa as conservas e produtos beneficiados no sítio como paçoca e farinha de fubá. A propriedade funciona basicamente com 5% da renda vinda das vendas, cerca de 45% de atividades turísticas e o restante de atividades fora da zona rural que o proprietário realiza de maneira autônoma. Com o turismo, trabalham com grupos de cinco a 15 pessoas com visitas guiadas com agendamento prévio e servindo um café tradicional rural, com comidas típicas do interior paulista.

Para EN01, a atividade é altamente benéfica trazendo renda extra e o único prejuízo é perder um pouco da privacidade quando turistas chegam sem agendamento prévio. Em sua visão, o turismo rural agrega valor a sua propriedade trazendo um diferencial para ela:

O turismo agrega valor à propriedade, dá visibilidade para gente. Eu comecei a me interessar (*pelo turismo rural*) a partir do momento que me interessei pela cultura. Começamos realizando saraus do bairro aqui no sítio, aí você vai atrás, estuda, começa a ver potencial turístico. Eu já era apaixonado por cultura, sempre vivi na propriedade rural e tenho uma visão de que as coisas podem melhorar. Os jovens

estão vindo com uma cabeça mais sustentável. A cultura, a sustentabilidade, o turismo andam juntos. Aqui em Socorro temos rios, trilhas pela mata, cavernas, grutas, gastronomia rural. Tudo é atrativo para os turistas, só depende do tipo de turista.

Figura 14. Canteiro de pimentas biquinho em consórcio, Sítio São Luiz, Socorro, São Paulo, Brasil (Autor, 2024).



A valorização do patrimônio cultural como atrativo turístico, evidenciada no Sítio São Luiz, é um princípio fundamental do turismo rural, conforme definição do Ministério do Turismo (2018). A busca por experiências enraizadas no local, é valorizada também no Turismo de Base Comunitária (VARGAS et al, 2020), forma de turismo que não apareceu nas entrevistas, mas que apresenta características que conversam com a atividade de algumas propriedades.

4.3.2 Visita ao Sítio Boa Esperança

O Sítio Boa Esperança é administrado pela parceria entre EN02 e EN03, produzindo uma diversificada variedade de culturas de maneira orgânica para comercialização in-natura e beneficiada, além de receber grupos para vivências no meio rural. EN02 fica mais responsável pelo plantio e manejo das culturas, enquanto

EN03 trabalha no beneficiamento e organizando as vivências da propriedade, além de auxiliar no cultivo, planejamento e execução das lavouras.

Embaixadores locais do Slow Food, movimento que compreende as conexões entre o que comemos e a saúde das pessoas e do planeta (SLOW FOOD, 2023), trabalham com a ideia do "turismo do campo até a mesa". Desta forma, dão a oportunidade dos visitantes conhecerem toda a cadeia — desde o plantio, beneficiamento e, por fim, degustação no prato.

Uma vantagem (*de aplicar técnicas agroecológicas*) eu vou te falar que são os insumos, a gente usa bem menos insumos até comparando com os outros produtores orgânicos aqui ao redor (EN 02, 2024).

O produtor afirma que continuar implementando a agroecologia no sítio é importante para eles, em suas palavras: "a agroecologia é uma agricultura voltada para o trabalho com o meio ambiente" e que ela "mostra uma outra visão" de encarar os sistemas produtivos. EN02 tem formação em biologia, trabalhou muitos anos com coleta de sementes e reflorestamento de mata nativa e após estas vivências, resolveu retornar ao campo com um outro olhar.

Como principal desafio, o agricultor levantou a questão da escassez de trabalhadores: "A desvantagem é a mão de obra, porque é um manejo, como nos SAFs, que dá muita mão de obra e aqui somos só em dois. A gente até tentou achar mais gente, mas não deu certo".

Nos baseamos em uma produção artesanal com o excedente que não vendemos nem para a merenda escolar e nem vai para a feira. Quando comecei aqui, minha ideia foi apoiar o produtor gerando uma renda extra com o que seria o descarte. O foco é trazer consciência para o consumidor final, mas também para o produtor, que às vezes não sabe que pode agregar um valor a mais para sua colheita (EN03, 2024).

EN03 é representante do Núcleo de Turismo Rural do município de Socorro e além de auxiliar no planejamento e execução das lavouras, usa sua experiência de anos trabalhando na área da nutrição, alimentação e gestão de empresas para

propor uma cozinha sazonal e que valoriza os ingredientes locais. Como ela mesmo definiu, a ideia é oferecer uma cozinha "afetiva e intuitiva", proporcionando uma experiência diferenciada para os turistas que visitam a propriedade.

Muita gente nos procura por causa do nosso estilo de vida: menos carnes, mais vegetais, produção local, sazonalidade. Trazemos receitas de avós, de nossas mães, tudo fresco. Para os visitantes, sempre fazemos os links entre a agricultura e a gastronomia. Ainda não estamos divulgando muito as visitas no sítio, se estivéssemos mais ativos, o turismo já estaria na frente da agricultura, mas como estamos ajeitando melhor nossa infraestrutura, a divulgação está mais no boca a boca (EN03, 2024).

Figura 15. Banana e café consorciados no Sítio Boa Esperança, Socorro, São Paulo, Brasil (Autor, 2024).



Atualmente no Sítio Boa Esperança, com variações sazonais, a renda vem majoritariamente da agricultura, porém o trabalho com o turismo está crescendo e mostrando que em um futuro breve a atividade pode se tornar a principal.

Até hoje não tivemos prejuízos com o turismo, só tivemos benefícios com uma geração de renda extra, os aprendizados que ganhamos e

os aprendizados que passamos. Podemos passar a importância da produção de alimentos, antigamente o produtor rural era o último na fila de importância (EN02, 2024).

Os grupos que visitam a propriedade rural são majoritariamente pequenos de até cinco pessoas, mas já receberam mais de 20 visitantes de uma vez, tudo com agendamento prévio. As vivências incluem visitas nas áreas de produção, de mata nativa, no meliponário, além do preparo e degustação dos alimentos.

Os jovens são o futuro e eles que estão herdando as terras. Para não perdermos as características do município, como o nosso que é agrícola e familiar, e preservar a história, a cultura, as tradições, você tem que manter o jovem no campo. Se você não mantiver o jovem ativo, a partir do momento que ele colocar a mão na herança, ele vai vender as terras, vai fatiar, vai lotear e vai para a cidade. O jovem precisa ver que no rural ele pode prosperar e o turismo é uma ótima ferramenta para isso.

EN03 também reforçou que o turismo pode ser uma alternativa fundamental para manutenção das características socioculturais do local, em especial áreas turísticas sensíveis à especulação imobiliária, como é o caso de Socorro.

4.3.3 Visita à Pousada Mirante dos Adolphos

A operação da Pousada Mirante dos Adolphos trabalha em duas frentes — produção diversificada de frutas com certificação orgânica desde 2016 e o serviço de hospedagem que foi inaugurado em 2022. Com cerca de 30% da área total coberta com mata nativa, o terreno tem implementados SAFs com café, citros, abacate, banana e espécies nativas, além de uma área com plantio de uvas bordô, syrah, dentre outras.

Tanto a propriedade como o proprietário fogem do perfil majoritário dos entrevistados. Um dos idealizadores do empreendimento é EN04, graduado em engenharia civil e técnico em eletrônica, é o único dos entrevistados que não

passou a infância na zona rural e que segue vivendo na zona urbana (alguns dias no sítio, alguns na cidade).

Figura 16. SAF com café, abacate, banana, eucalipto e outras espécies, Socorro, São Paulo, Brasil (Autor, 2024).



Em nenhum dos outros casos visitados houve um exemplo tão consolidado de oferecimento de um serviço turístico —no caso pousada— somado a uma produção com um manejo não convencional. No caso da Pousada Mirante dos Adelfos, o turismo é uma atividade que auxilia a produção.

O sítio hoje está longe de se sustentar (*se referindo ao sistema de produção*). Mas, tem muito hóspede que pergunta: isso é produzido aqui? Como temos essa parte do turismo, a pousada tem custeado boa parte dos custos do sítio. Os turistas podem observar dois SAFs, um mais antigo e o outro mais novo.

Pelo perfil dos proprietários, não é possível retirar a DAP (Declaração de Aptidão ao Pronaf), deixando-os de fora da venda da produção para a merenda: "Hoje nosso grupo de produtores orgânicos são cinco e a melhor renda é a venda para a merenda escolar, o que não conseguimos. Vendemos com preços nada atrativos para o CEASA de Campinas e de vez em quando vendas diretas para lojas orgânicas em Atibaia e Bragança".

Hoje em média para nós a agricultura não dá 10% de nossa renda, o ideal é conseguir aumentar a renda da produção de alimentos. Ainda tenho minhas dúvidas sobre o quanto é rentável o investimento de tempo para adaptar e receber turistas na propriedade (*pensando em visitas de um dia*). É necessário avaliar, não pode ser só gasto. Já olhando para o ângulo de um turismo rural com hospedagem, acho que ajuda muito as propriedades. Eu acredito que tem público e funciona, mas precisa pensar na hospedagem.

Sua atividade turística consiste na abertura da propriedade apenas para os hóspedes, não realizando visitas com grupos externos ou vivências sem pernoite. Seu público majoritário são casais que buscam por sossego, às vezes não querendo sair da zona rural nem para conhecer a cidade de Socorro.

4.3.4 Visita ao Sítio Barrel

Orgânico desde 2005, o entrevistado 05 e família estão no grupo de pioneiros da agricultura orgânica de Socorro, cultivando hortaliças e algumas frutíferas como bananas e caquis. Dentre as vantagens do cultivo sem agrotóxicos, o agricultor destaca a não exposição aos produtos químicos e a maior qualidade e sabor dos alimentos. Dentre os desafios, novamente aparece a questão da maior necessidade, e ao mesmo tempo escassez, de mão de obra, principalmente para o controle de plantas espontâneas.

É uma vantagem você não ficar exposto a um agrotóxico, a um produto químico, também percebemos a qualidade no produto final. Nas feiras que a gente participa, vemos que conquistamos o cliente pelo sabor. Dificuldade é a mão de obra, principalmente no controle do mato, das ervas daninhas, principalmente no tempo da chuva. Viver só de agricultura não é fácil, tem que aproveitar (*o turismo*), mas tem que investir.

Atualmente a renda do sítio é 100% proveniente da agricultura familiar, porém em 2024 a propriedade teve uma experiência com turismo. Sua iniciativa de

abertura da propriedade para visitação foi “natural”, pois, graças ao seu modelo de cultivo não convencional, já havia uma demanda de pedidos para visitação, principalmente escolas. A atividade turística era com o enfoque pedagógico, com grupos de até 20 pessoas — instituições de ensino básico e até um grupo de pesquisadores da Embrapa Campinas passaram por lá.

Figura 17. Hortaliças em consórcio com bananeiras no Sítio Barrel, Socorro, São Paulo, Brasil (Autor, 2025).



EN05 avalia que o turismo agrega valor à sua propriedade, principalmente no quesito financeiro, como mais uma opção de geração de renda. No entanto, exigências feitas pela prefeitura, como necessidade de instalação de banheiros e outras adaptações de infraestrutura para receber visitantes, são um dos principais empecilhos na hora de abrir a propriedade para visitação — fato apontado por mais de um entrevistado. Outro desafio, que também se repetiu em mais de um discurso, foi a questão vocacional da família, pois não são todos os produtores que têm prazer em receber pessoas, conversar, apresentar etc. Estes fatores, somados ao tempo exigido para o cultivo agrícola, fizeram com que a experiência turística, até o momento, não tivesse continuidade.

O agricultor também destacou a importância de parcerias locais: “Antigamente o hotel aqui do bairro trazia muitos turistas para cá, eu montava uma barracinha na entrada do sítio e conseguia vender bastante. Mas, hoje o hotel mudou de dono, parece que está abandonado, aí caiu muito o movimento dos turistas também para esse lado de cá”.

4.3.5 Visita ao Sítio Pereiras

EN06 é irmão de EN02, do Sítio Boa Esperança, e primo de EN05, sendo o responsável pelos cultivos no Sítio Pereiras. Assim como outros agricultores citaram, sua motivação para migrar para um cultivo sem agrotóxicos foi um caso de adoecimento na família, corroborando com a descrição do mapeamento de intoxicações no Brasil feito por Bombardi (2017). A busca por métodos de produção mais saudáveis, motivada pela preocupação da saúde familiar é um motor importante para a adoção de práticas que confrontam o uso de insumos agroquímicos (HLPE, 2019).

Meu pai teve uns problemas de saúde, fez exame e estava contaminado de agrotóxico. Usávamos EPI, tudo dentro da bula, do limite, a partir daí fomos procurar uma outra maneira de produzir.

Certificado desde 2002, atualmente produz milho, banana, hortaliças e legumes variados focando principalmente na venda para a merenda escolar, um importante canal de comercialização, além de participar de feiras da cidade. Sua produção diversificada reflete a importância da agricultura familiar para o abastecimento alimentar e dinamização da economia local (CONTAG, 2024). Também possui cozinha certificada onde processa molho de tomate, sucos, geleia e vinho, agregando valor à sua produção primária.

Assim como seu primo, sua atividade turística surgiu a partir de uma demanda local — depois de colocar alguns de seus produtos à venda em um hotel do bairro, turistas começaram a perguntar sobre a origem daqueles alimentos e pediram para visitar, ilustrando como o turismo rural pode criar novos mercados e valorizar alimentos agroecológicos (TONINI & DOLCI, 2020). A visita acontecia em grupo de até 25 pessoas, uma vez por semana, realizando um tour educacional pelo sistema de produção e, no final, comercializando os produtos.

Figura 18. EN06 entre seu bananal e milharal, Socorro, São Paulo, Brasil (Autor, 2025).



Como benefícios do turismo para a propriedade rural, EN06 destaca além do incremento da renda, alternativa financeira esta que é um dos principais argumentos a favor da integração entre turismo rural e agricultura familiar (MINASI et al, 2023, DA SILVA & FERREIRA, 2023, FEIDEN et al, 2023 e SOUZA et al, 2023), também a possibilidade de conscientização da população e, como consequência, uma valorização maior dos produtos livres de agrotóxicos, como também mencionado por EN02 e EN05. Como desafios, novamente a maior necessidade de mão de obra e a questão da disponibilidade de tempo apareceram, pois toda a mão de obra do sítio é da família e é quase totalmente exigida nas tarefas agrícolas.

4.3.6 Considerações sobre as visitas

De maneira geral, os produtores visitados ilustraram diferentes formas e níveis de integração entre o turismo e a agricultura, enquanto proprietários como EN02, EN03, EN05 e EN06 realizam visitas com grupos mais focados no turismo pedagógico, EN01 possui o atributo de uma visitação histórico-cultural, enquanto a

Pousada Mirante dos Adelfos (EN04) trabalha com uma operação de hospitalidade mais robusta e maior infraestrutura. Essa diversidade de abordagens reflete a variedade de possibilidades presentes no turismo rural, porém todos foram unânimes em concordar que o turismo pode agregar valor a suas propriedades.

O turismo representa uma importante fonte de renda para algumas propriedades visitadas, alcançando cerca de 90% do faturamento total no caso da Pousada Mirante dos Adelfos, onde a atividade turística contribui diretamente para o financiamento da produção agrícola. Nos sítios São Luiz e Boa Esperança, a participação do turismo varia entre 40% e 45% da renda total, com potencial de crescimento, segundo os entrevistados. Já nos sítios Pereiras e Barrel, embora os relatos indiquem experiências lucrativas no passado, atualmente não há atividades turísticas em operação, devido a fatores como falta de mão de obra e necessidade de adequações na infraestrutura. Ainda assim, os proprietários reconhecem o potencial da atividade e não descartam retomar o turismo no futuro.

Corroborando com Minasi et. al (2023), Tonini e Dolci (2020), Feiden et al. (2023) e Souza et. al (2023) o turismo pode agregar valor econômico à produção agrícola familiar e agroecológica como no exemplo do Sítio Boa Esperança, onde a renda proveniente do turismo rural está em crescimento, com potencial para se tornar a principal fonte da propriedade em breve. Já a Pousada Mirante dos Adelfos utiliza o turismo para financiar as despesas do cultivo orgânico. EN05 reconhece o valor financeiro do turismo e a possibilidade de conscientização dos consumidores sobre a produção sem agrotóxicos. Estes achados ecoam com os estudos de Minasi et. al (2023) que destacam a agregação de valor à produção de cafés agroflorestais através do turismo e de Tonini e Dolci (2020) que demonstram a criação de novos mercados para produtos agroecológicos através de rotas de turismo rural.

A visita ao Sítio São Luiz ressaltou a valorização do aspecto cultural e histórico como atrativo turístico, por exemplo, na reconstrução do moinho de pedra e o uso do pilão de madeira. O proprietário associa a cultura e a sustentabilidade ao turismo, essa valorização do patrimônio cultural rural como atrativo turístico está alinhada com a definição de turismo rural que envolve a resignificação da infraestrutura e do patrimônio rural (LANE & KASTENHOLZ, 2015).

A presença de mata nativa nas propriedades visitadas variou entre 0% e 30%, evidenciando, por um lado, a valorização da preservação ambiental, mas, por

outro, situações em que o valor econômico associado à produção se sobrepõe à conservação. Considerando que se tratam de áreas relativamente pequenas, conduzidas majoritariamente pela própria família, com práticas que, muitas vezes, divergem da agricultura convencional e com apoio técnico limitado, minha análise vai além da crítica de que uma propriedade que se propõe a utilizar técnicas mais ecológicas, deve possuir sua área de Reserva Legal em conformidade com a Lei de Proteção da Vegetação Nativa.

Para além de culpabilizar indivíduos que já abriram mão de agrotóxicos, por exemplo, e adotam outras práticas de base agroecológica, o fato expõe a tensão entre as necessidades econômicas e a conservação ambiental: o desafio de conciliar a subsistência e a rentabilidade da agricultura familiar com a conservação da biodiversidade e dos recursos naturais. Objetivos que não são necessariamente antagônicos, mas precisam de planejamento rural e educação ambiental. Importante ainda pontuar a visão de elemento arbóreo com desperdício de área produtiva, interpretação já amplamente refutada pela ciência, comprovando que árvores são responsáveis pela melhoria na fertilidade do solo, conservação da água, controle de insetos indesejados, podem reduzir custos com insumos e ajudar viabilidade econômica das culturas comerciais (GUIMARÃES & MENDONÇA, 2019 e ARMENGOT et al, 2016).

As menções sobre o apoio da prefeitura de Socorro com o programa Sistemas Agroflorestais Produtivos, além da Política Municipal de Agroecologia e Produção Orgânica, implementada em 2023, dão indícios de passos nesta direção — fomentando arranjos produtivos biodiversos e com a presença do elemento arbóreo, inclusive de espécies nativas. As iniciativas do poder público socorrense sugerem diferentes níveis de organização e articulação, mas que estão longe de estarem consolidadas e portanto, sujeitas a términos e mudanças político-partidárias.

O fato de ter a possibilidade de conscientizar o turista sobre práticas ecológicas envolvidas na produção de alimentos, e conseqüente valorização do trabalho do agricultor, esteve muito presente nas falas de EN02, EN05 e EN06. No Sítio Boa Esperança há ainda uma grande preocupação com o aproveitamento do que seria descarte da produção, agregando valor à colheita. Esta conexão direta com o consumidor e a possibilidade de conscientização sobre tecnologias agroecológicas são benefícios que o turismo pode dar à agricultura familiar.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Revisando os objetivos que foram (I) apontar as ligações teóricas existentes entre o turismo e a agroecologia e (II) analisar como a adoção do turismo em propriedades rurais agroecológicas, ou em transição agroecológica, potencializa aspectos econômicos, sociais e ecológicos, podemos observar que muitos resultados na análise bibliométrica e nas entrevistas semiestruturadas corroboram com o pressuposto de que agricultores familiares com práticas agroecológicas podem aproveitar um potencial turístico em suas propriedades.

Os dados obtidos a partir das entrevistas estruturadas e semiestruturadas também confirmaram o pressuposto de que o turismo rural possui o potencial de agregar valor à agricultura familiar do município de Socorro. Os relatos sobre o incremento da renda e a possibilidade de conscientização dos consumidores sobre a produção sem agrotóxicos demonstram benefícios citados pelos proprietários.

As conversas com os agricultores forneceram exemplos práticos e nuances importantes sobre a relação entre turismo rural e agroecologia, complementando, em alguns casos, resultados da análise bibliométrica. Ao mesmo tempo que confirmaram o papel do turismo rural para agregar valor à agricultura familiar agroecológica, expuseram desafios práticos em relação à mão de obra, infraestrutura, tempo e vocação.

Os principais desafios práticos que surgiram após as entrevistas foram (I) a escassez de mão de obra, (II) necessidade de adaptações de infraestrutura, (III) disponibilidade de tempo e (IV) vocação da família para a atividade turística. A dificuldade de mão de obra foi destacada no Sítio Boa Esperança, no Sítio Barrel e no Sítio Pereiras.

Assim, o turismo se apresenta como uma estratégia com potencial para agregar valor à agricultura familiar de base agroecológica, tanto no aspecto econômico quanto no social, promovendo (I) a valorização da cultura rural, (II) o diálogo com consumidores e (III) a diversificação das fontes de renda. No entanto, os benefícios do turismo rural não são automáticos e nem uniformes. Eles variam de acordo com o contexto de cada família, sua infraestrutura, disponibilidade de mão de obra, tempo, vocação para o acolhimento e apoio institucional. Os desafios

identificados nas entrevistas — como a necessidade de adaptações físicas, a sobrecarga de trabalho e a aptidão para lidar com o público — reforçam que o turismo deve ser pensado como uma possibilidade, e não como uma solução única ou imediata para as demandas do meio rural. A integração entre turismo e agroecologia exige planejamento, políticas públicas de apoio e respeito às particularidades de cada território e de cada agricultor/a.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ACOSTA, Alberto., 2016. **O Bem Viver: uma oportunidade para imaginar outros mundos**. São Paulo: Editora Elefante.

ADEOYE-OLATUNDE, OA/; OLENIK, NL, 2021. **Research and scholarly methods: Semi-structured interviews**. Journal of the American College of Clinical Pharmacy, Volume 4. Issue 10. Page 1358-1367. DOI: 10.1002/jac5.1441. Disponível em: <<https://accpjournals.onlinelibrary.wiley.com/doi/epdf/10.1002/jac5.1441>>. Acesso em 27/07/24.

ADDINSALL, Cherise; GLENCROSS, Kevin; SCHERRER, Pascal; WEILER, Betty; NICHOLS, Doland, 2015. **Agroecology and Sustainable Rural Livelihoods: A Conceptual Framework to Guide Development Projects in the Pacific Islands**. Agroecology and Sustainable Food Systems. Volume: 39, issue: 6, page: 691-723. DOI: 10.1080/21683565.2015.1017785

ADDINSALL, Cherise; SCHERRER, Pascal; WEILER, Betty; GLENCROSS, Kevin, 2017. **An ecologically and socially inclusive model of agritourism to support smallholder livelihoods in the South Pacific**. Asia Pacific Journal of Tourism Research. Volume: 22, issue: 3, page301-315. DOI: 10.1080/10941665.2016.1250793

ADDINSALL, Cherise; WEILER, Betty; SCHERRER, Pascal; GLENCROSS, Kevin, 2017. **Agroecological tourism: bridging conservation, food security and tourism goals to enhance smallholders' livelihoods on South Pentecost, Vanuatu**. Journal of Sustainable Tourism. Volume: 25, issue: 8, page: 1100-1116. DOI: 10.1080/09669582.2016.1254221

AKAMA, J. S., 1996. **Western environmental values and nature-based tourism in Kenya**. Tourism Management. Volume: 17, issue: 8, page: 567-574. DOI: 10.1016/S0261-5177(96)00077-5

ALMEIDA NETTO, Tatiane; VERDUM, Roberto, 2021. **Serviços ecossistêmicos e sua importância para a dinâmica e conservação do Pampa: uma análise da categoria familiar na fronteira Sant'Ana do Livramento/BR e Rivera/UY.** Confins-Revue Franco-Bresilienne de Geographie-Revista Franco-Brasileira De Geografia, volume: 49. DOI: 10.4000/Confins.35708.

ALTIERI, Miguel; NICHOLLS, Clara I.; HENAO, Alejandro, LANA, Marcos A., 2015. **Agroecology and the design of climate change-resilient farming systems.** Agronomy for Sustainable Development, vol: 35, issue: 3, pp: 869-890. DOI: 10.1007/s13593-015-0285-2.

ALVES, Aline Turatti; CHELOTTI, Marcelo Cervo, 2020. **Novas Expressões e Metamorfoses do Espaço Rural em Sangradouro – Araranguá/SC.** GEO UERJ, issue: 37. DOI: 10.12957/geouerj.2020.44472.

AMALU, T. E.; OTOP, O. O.; DULUORA, E. I.; OMEJE, V. U.; EMEANA S. K., 2018. **Socio-economic impacts of ecotourism attractions in Enugu state, Nigeria.** GeoJournal. Vol. 83, n. 6, p. 1257-1269. Disponível em: <<https://doi.org/10.1007/s10708-017-9830-7>>. Acesso em: 17/09/23.

ANNES, Alexis; WRIGHT, Wynne, 2015. **'Creating a room of one's own': French farm women, agritourism and the pursuit of empowerment.** Womens Studies International Forum. Volume: 53, page: 1-11, DOI: 10.1016/j.wsif.2015.08.002

ARIAS-ARÉVALO, P.; GÓMEZ-BAGGETHUN, E.; MARTÍN-LÓPEZ, B.; PÉREZ-RINCÓN, M., 2018. **Widening the Evaluative Space for Ecosystem Services: A Taxonomy of Plural Values and Valuation Methods.** Environmental Values, The White Horse Press, n. 27, p. 29-53.

ARMENGOT, L.; BARBIERI, P.; ANDRES, C.; MILZ, J.; SCHNEIDER, M., 2016. **Cacao agroforestry systems have higher return on labor compared to full-sun monocultures.** Agronomy for Sustainable Development, v. 36, p. 1-10.

AQUINO, J. R.; GAZOLLA, M.; SCHNEIDER, S., 2018. **Dualismo no campo e desigualdades internas na agricultura familiar brasileira**. Revista de Economia e Sociologia Rural, 56(1), 123–142.

ARAUJO, Raniery Silva Guedes de; GODOY, Karla Estelita, 2016. **O Turismo como fenômeno sociocultural: reflexões para além da atividade econômica**. Anais do Seminário da ANPTUR — 2016. ISSN 2359-6805. Disponível em: <<https://www.anptur.org.br/anais/anais/files/13/472.pdf>>. Último acesso: 28/07/2025.

BACCAR, M.; BOUAZIZ, A.; DUGUÉ, P.; GAFSI, M.; LE GAL, P.-Y., 2020. **Sustainability Viewed from Farmers' Perspectives in a Resource-Constrained Environment**. Sustainability, 12(20), 8671. Disponível em: <<https://doi.org/10.3390/su12208671>>. Último acesso: 30/04/2025.

BARBOSA, Marina Castro Passos de Souza; MEDEIROS, Haroldo de Sa; DA COSTA, Gleimíria Batista, 2022. **An Analysis of the Tourism State Policy Formation in Rondonia, Brazil**. Journal of Tourism Sustainability and Well-Being, volume: 10, issue: 2, pp: 88-100. DOI: 10.34623/8x4n-wy62.

BHERING, Davi; AVILA DE CASTRO, Fabio, 2023. **Wealth Inequality in Brazil**. HAL open science. Disponível em: <<https://shs.hal.science/halshs-04166852/document>>. Último acesso: 25/01/2025.

BOAS, Lucas Guedes Vilas, 2017. **Notas sobre a migração campo-cidade e a monocultura no Brasil**. Ateliê Geográfico, Goiânia/GO, v. 11, n.1, p.189-209, abr/2017.

BOMBARDI, Larissa Mies, 2017. **Geografia do Uso de Agrotóxicos no Brasil e Conexões com a União Europeia**. São Paulo (SP).

BRASIL. **Lei Nº 11.326 de Julho de 2006**. Estabelece as diretrizes para a formulação da Política Nacional da Agricultura Familiar e Empreendimentos Familiares Rurais. Disponível em:

<https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2006/lei/l11326.htm>. Acesso em 29/07/2024.

BRASIL. **Lei Nº 12.651 de 25 de Maio de 2012**. Dispõe sobre a proteção da vegetação nativa; altera as Leis nºs 6.938, de 31 de agosto de 1981, 9.393, de 19 de dezembro de 1996, e 11.428, de 22 de dezembro de 2006; revoga as Leis nºs 4.771, de 15 de setembro de 1965, e 7.754, de 14 de abril de 1989, e a Medida Provisória nº 2.166-67, de 24 de agosto de 2001; e dá outras providências.

Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2012/lei/l12651.htm>. Acesso em 03/08/2024.

BRASIL. **Lei Nº 13.465 de 11 de Junho de 2017**. Dispõe sobre a regularização fundiária rural e urbana, sobre a liquidação de créditos concedidos aos assentados da reforma agrária e dá outras providências. Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2017/lei/L13465.htm>. Acesso em 23/07/2024.

BRICALLI, Luiz Carlos Leonardi, 2005. **Estudo de tipologias do turismo rural: Alfredo Chaves (ES)**. Santa Maria: FACOS-UFSM, vol: 4, ISBN: 85-98031-23-2.

CACHO, M. M. Y T. G.; GIRALDO, O. F.; ALDASORO, M.; MORALES, H.; FERGUSON, B. G.; ROSSET, P.; KHADSE, A.; CAMPOSA, C., 2018. **Bringing agroecology to scale: key drivers and emblematic cases**. *Agroecology and Sustainable Food Systems*. 2018, volume 42, no. 6, 637–665. Taylor & Francis. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/21683565.2018.1443313>. Acesso em 02/02/2025.

CAPELLESSO, A. J.; CAZELLA, A. A.; BÚRIGO, F. L., 2018. **Evolução do Pronaf Crédito no período 1996-2013: Redimensionando o acesso pelos cadastros de pessoa física**. *Revista de Economia e Sociologia Rural*, 56(3), pp. 437–450. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/1234-56781806-94790560305>>. Acesso em 02/02/2025.

CAZELLA, A. A.; BÚRIGO, F. L.; CAPELLESSO, A. J.; MEDEIROS, M.; TECCHIO, A.; SENCÉBÉ, Y, 2016. **Políticas públicas de desenvolvimento rural no Brasil: O dilema entre inclusão produtiva e assistência social**. *Política & Sociedade*, 15, 49–79. Disponível em: <<https://doi.org/http://dx.doi.org/10.5007/2175-7984.2016v15nesp1p49>>. Acesso em: 02/02/2025.

CITTASLOW, 2024. **Home | Cittaslow**. Disponível em: <<https://www.cittaslow.org/>>. Acesso em: 22/07/2025.

CHIODO, Emilio; FANTINI, Andrea; DICKES, Lori; AROGUNDADE, Temitope; LAMIE, R. David; ASSING, Lucilene; STEWART, Corinne; SALVATORE, Rita Salvatore, 2019. **Agritourism in Mountainous Regions—Insights from an International Perspective**. *Sustainability*. Volume 11, issue 13. DOI: 10.3390/su11133715.

CNA; CEPEA, 2022. **PIB do agronegócio cresceu abaixo das projeções**. Disponível em: <https://www.cepea.esalq.usp.br/upload/kceditor/files/Cepea_CNA_PIB_JAn_Dez_2021_Mar%C3%A7o2022.pdf>. Acesso em 13/10/2024.

COCOLA-GRANT, A., 2018. **Tourism gentrification**. *Handbook of Gentrification Studies*. Edward Elgar Publishing, Cheltenham and Northampton, pp. 281-293.

CONTAG, 2024. **Agricultura Familiar: quem não vive dela, depende dela para viver! Anuário estatístico da agricultura familiar - 2023 / Ano 2**. Disponível em: <<https://ww2.contag.org.br/documentos/pdf/17916-696048-anua%CC%81rio-agricultura-2023-web-revisado.pdf>>. Acesso em 25/04/2025.

COSTANZA, R., DE GROOT, D., BRAAT, L., KUBISZEWSKI, I., FIORAMONTI, L., SUTTON, P., FARBER, S., GRASSO, M., 2017. **Twenty years of ecosystem services: How far have we come and how far do we still need to go?** Elsevier B. V., *Ecosystem Services*, volume 28, pp. 1-16, 2017. Disponível em: <<https://doi.org/10.1016/j.ecoser.2017.09.008>>. Acesso em 24/09/23.

DA SILVA, Marllon Santos; FERREIRA, Helena Catão Henriques, 2023. **Turismo Rural e Agricultura Familiar: Uma Revisão Sistemática de Literatura**. Rosa dos Ventos - Turismo e Hospitalidade, volume: 15, issue: 2; pp: 470-487. DOI: 10.18226/21789061.v15i2p471.

DAL MORO, L.; BRANDLI, L. L., 2020. **Potentialities and challenges of family agriculture in a region of South Brazil**. International Journal of Sustainable Development & World Ecology, 27(2), 129–139. Disponível em: <<https://doi.org/10.1080/13504509.2019.1679275>>. Acesso em 30/04/2025.

DE MAGALHÃES, Marcos Ferreira; BEZERRA, Claudia Maria da Silva; RAMOS, Heidy Rodriguez, 2021. **O empreendedorismo rural sustentável e a agricultura familiar: uma análise temática da literatura**. Revista de Gestão e Secretariado-GESEC, volume: 14, issue: 7, pp: 11960-11988. DOI: 10.7769/gesec.v14i7.2253.

DE SOUZA, Helenine Destefani; DE FARIAS, Mayara Ferreira ; MEDEIROS, Viviane Costa Fonseca de Almeida; FERREIRA, Lissa Valeria Fernandes, 2020. **Turismo, empreendedorismo social e desenvolvimento local: o caso da Associação de Jovens Agroecologistas Amigos do Cabeço (JOCA)**. Turismo - Estudos e Práticas, volume: 9, issue: 1.

DE SOUZA, Marcelino; KLEIN, Ângela Luciane; RODRIGUES, Renata Gonçalves, 2019. **Turismo rural: fundamentos e reflexões**. Série Ensino, Aprendizagem e Tecnologias, coordenado pela SEAD/UFRGS, Porto Alegre, UFRGS Editora, Capítulo: 2, pp: 23-39.

EDELMAN, M.; BORRAS, S. M., 2016. **Political dynamics of transnational agrarian movements**. Halifax: Fernwood. Rugby, UK: Practical Action Publishing.

EUROPEAN ASSOCIATION FOR AGROECOLOGY. Agroecology Europe. Principles of Agroecology. Disponível em:

<<https://www.agroecology-europe.org/our-approach/principles/>>. Acesso em 09/02/24.

FALKOWSKI, T. B.; CHANKIN, A.; DIEMON T, S. A.; PEDIAN, R. W., 2019. **More than just corn and calories: A comprehensive assessment of the yield and nutritional content of a traditional Lacandon Maya milpa**. Food Security, 11 (2), 389–404. Disponível em: <<https://doi.org/10.1007/s12571-019-00901-6>>. Acesso em 02/02/2025.

FAO, 2023. **Pesticides use and trade 1990-2021**. FAOSTAT Analytical Brief 70, Rome (ITA).

FAO, IFAD, UNICEF, WFP and WHO. 2024. **The State of Food Security and Nutrition in the World 2024** – Financing to end hunger, food insecurity and malnutrition in all its forms. Rome (ITA). <https://doi.org/10.4060/cd1254en>

FEIDEN, Armin; MARQUES, Cleverson Aldrin; FERRARI, Crislaine Trevisan da Rocha Ribeiro; MARCELINO, Daniela; RECALCATTI, Jonas Felipe; HANZEN, Marcia; ZONIN, Wilson João, 2023. **Turismo rural integrado a agricultura familiar: experiência da propriedade D'mary Morangos de Serranópolis do Iguaçu – PR**. Revista de Gestão e Secretariado-GESEC, volume: 14, issue: 3, pp: 4012-4021. DOI: 10.7769/gesec.v14i3.1866.

FORD, A.; NIGH, R., 2016. **The Maya forest garden: Eight millennia of sustainable cultivation of the tropical woodlands**. London & New York: Routledge. Disponível em: <<https://doi.org/10.4324/9781315417936>>. Acesso em 02/02/2025.

FUNES, F.; VÁZQUEZ, L., 2016. **Avances de la agroecología en Cuba**. Eds. 2016. Matanzas, Cuba. Editora Estación Experimental de Pastos y Forrajes Indio Hatuey.

GAO, Jing; WU, Bihu, 2017. **Revitalizing traditional villages through rural tourism: A case study of Yuanjia Village, Shaanxi Province, China**. Tourism Management, vol: 63, pp: 223-233. DOI: 10.1016/j.tourman.2017.04.003

GARCÍA, Eugenio Cejudo; MEDINA, Gabriel da Silva; VALVERDE, Francisco Navarro, 2021. **Resultados de la implementación del desarrollo rural territorial. Lecciones del enfoque LEADER en España versus el programa Territorios de la Ciudadanía en Brasil.** Revista de Geografía Norte Grande, issue: 80, pp: 293-312.

GARCÍA DE FUENTES, A.; JOUVAULT, S.; ROMERO, D., 2019. **Representaciones cartográficas de la turistificación de la península de Yucatán a medio siglo de la creación de Cancún.** Investigaciones Geográficas 100. Disponible em: <<http://www.investigacionesgeograficas.unam.mx/index.php/rig/article/view/60023>>. Acceso em 19/09/23.

GASCÓN, Jordi, 2013. **The limitations of community-based tourism as an instrument of development cooperation: the value of the Social Vocation of the Territory concept.** Journal of Sustainable Tourism. Volume: 21, issue: 5, page: 716-731. DOI: 10.1080/09669582.2012.721786

GASCÓN, Jordi, 2015. **Pro-Poor Tourism as a Strategy to Fight Rural Poverty: A Critique.** Journal of Agrarian Change. Volume: 15, issue: 4, page: 499-518. DOI: 10.1111/joac.12087

GASCÓN, Jordi, 2016. **Residential tourism and depeasantisation in the Ecuadorian Andes.** Journal of Peasant Studies. Volume: 43, issue: 4, page: 868-885. DOI: 10.1080/03066150.2015.1052964

GASCÓN, Jordi, 2023. **Understanding Agritourism: A Chayanovian analysis.** Annals of Tourism Research. Volume: 103. DOI:10.1016/j.annals.2023.103674

GASCÓN, Jordi; MAMANI, Kevin S., 2022. **Community-based tourism, peasant agriculture and resilience in the face of COVID-19 in Peru.** Journal of Agrarian Change. Volume: 22, issue:2, page362-377, DOI: 10.1111/joac.12447

GIRALDO, Omar Felipe, 2015. **Agroextractivismo y acaparamiento de tierras en América Latina: Una lectura desde la ecología política**. Revista Mexicana de Sociología 77 (4):637–62.

GIRALDO, Omar Felipe; ROSSET, Peter M., 2018. **Agroecology as a territory in dispute: between institutionality and social movements**. Journal of Peasant Studies, vol: 45, issue: 3, pp: 545-564. DOI: 10.1080/03066150.2017.1353496

GLIESSMAN, S. R., 2014. **Agroecology: The ecology of sustainable food systems**. 3rd ed. Boca Raton, FL, Estados Unidos: CRC Press/Taylor & Francis.

GLIESSMAN, S. R., 2015. **Agroecology: A global movement for food security and nutrition: proceedings of the FAO International Symposium**. Rome, Italy: FAO. Disponível em: <<https://www.fao.org/3/i4729e/i4729e.pdf>>.

GOMES, MCDO; SAMPAIO, MG; DAL RI, Neusa Maria, 2022. **Agroecology in MST educational praxis**. HUMANIDADES & INOVAÇÃO. Volume: 9, page 217-229.

GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO, 2021. **Circuito das Águas Paulista**. Página inicial, Disponível em: <<https://www.circuitodasaguaspaulista.sp.gov.br>>. Acesso em 18/09/23.

GOVERNO FEDERAL, 2024. **Governo Federal lança Plano Safra 24/25 com R\$ 400,59 bilhões para agricultura empresarial**. Disponível em: <<https://www.gov.br/agricultura/pt-br/assuntos/noticias/governo-federal-lanca-plano-safra-24-25-com-r-400-59-bilhoes-para-agricultura-empresarial>>. Acesso em 06/03/2025.

GOVERNO FEDERAL, 2025. **PLANAPO - Secretaria Geral**. Disponível em: <<https://www.gov.br/secretariageral/pt-br/cnapo/planapo>>. Acesso em 06/03/2025.

GUIMARÃES, Lorena Abdalla de Oliveira Prata; MENDONÇA, Guilherme Carneiro de, 2019. **Agricultura sintrópica (agrofloresta sucessional): fundamentos e técnicas para uma agricultura efetivamente sustentável**. Incaper em Revista,

Vitória, v. 10, p. 6-21, jan./dez. 2019. ISSN 2179-5304. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/338101173_Agricultura_sintropica_agrofloresta_sucessional_fundamentos_e_tecnicas_para_uma_agricultura_efetivamente_sustentavel>. Acesso em 02/08/2025.

HIERNAUX, D; González, C. I., 2014. **Turismo y gentrificación: pistas teóricas sobre una articulación**. Volume 58. Revista de Geografía Norte Grande, pp. 55-70. Disponível em: <https://www.scielo.cl/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0718-34022014000200004&lng=en&nrm=iso&tlng=en>. Acesso em 19/09/23.

HIGH LEVEL PANEL OF EXPERTS, 2019. **Agroecological and Other Innovative Approaches for Sustainable Agriculture and Food Systems That Enhance Food Security And Nutrition**. World Committee on Food Security, FAO. Roma, Itália. Disponível em: <https://www.fao.org/fileadmin/user_upload/hlpe/hlpe_documents/HLPE_Reports/HLPE-Report-14_EN.pdf>. Acesso em: 02/02/2025.

HOLLAND, Reginald; KHANAL, Aditya R.; DHUNGANA, Purushottam, 2022. **Agritourism as an Alternative On-Farm Enterprise for Small US Farms: Examining Factors Influencing the Agritourism Decisions of Small Farms**. Sustainability. Volume: 14, issue: 7. DOI: 10.3390/su14074055

IBGE, 2017. **Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística: Censo Agropecuário 2017**. Rio de Janeiro: IBGE, 2017.

IBGE, 2023. **Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística: Cidades | São Paulo | Socorro | Panorama**. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/sp/socorro/panorama>>. Acesso em 21/02/24.

INTERGOVERNMENTAL PANEL ON CLIMATE CHANGE. **Climate Change 2022: Impacts, Adaptation and Vulnerability**, 2022.

INTERNATIONAL PANEL OF EXPERTS ON SUSTAINABLE FOOD SYSTEMS (IPES FOOD), 2016. **De L'uniformité à la diversité: Changer de paradigme pour passer de l'agriculture industrielle à des systèmes agroécologiques diversifiés.** Bruxélas, Bélgica, 110p. Disponível em: <https://ipes-food.org/wp-content/uploads/2024/03/Uniformiteala-Diversite_IPES_FR_Full_web.pdf>. Acesso em 01/02/2025.

JOLY C. A.; SCARANO, F. R.; SEIXAS, C. S.; METZGER, J.P.; OMETTO, J. P.; BUSTAMANTE, M. M. C.; PADGURSCHI, M. C. G.; PIRES, A. P. F.; CASTRO, P. F. D.; GADDA, T.; TOLEDO, P, 2019. **1º diagnóstico brasileiro de biodiversidade e serviços ecossistêmicos.** Disponível em: <https://www.bpb.es.net.br/wp-content/uploads/2019/09/BPBES_Completo_VF-1.pdf>. Acesso em: 24/09/23

JOVER, Jaime; DÍAZ-PARRA, Ibán, 2019. **Gentrification, transnational gentrification and touristification in Seville, Spain.** Urban Studies. Volume 57, issue 15, pages: 3044-3059.

KALLIO, Hanna; PIETILA, Anna-Maija; JOHNSON, Martin & KANGASNIEMI, Mari, 2016. **Systematic methodological review: developing a framework for a qualitative semi-structured interview guide.** Journal of Advanced Nursing. DOI: 10.1111/jan.13031

KC, Anup; GHIMIRE, Sanjeet; DHAKAL, Ankit, 2020. **Ecotourism and its impact on indigenous people and their local environment: case of Ghalegaun and Golaghat of Nepal.** GeoJournal, p. 1-19. Disponível em: <<https://doi.org/10.1007/s10708-020-10222-3>>. Acesso em: 17/09/23.

KHANAL, Aditya R.; MISHRA, Ashok K., 2014. **Agritourism and off-farm work: survival strategies for small farms.** Agricultural Economics. Volume: 45, page: 65-76, supplement: 1. DOI: 10.1111/agec.12130

KHANAL, Aditya R.; OJHA, Renu, 2023. **The financial implications of specialization, diversification, or alternative enterprises on small farms:**

Evidence from Tennessee. Agricultural and Resource Economics Review. Volume: 52, issue: 3, page: 604-622. DOI: 10.1017/age.2023.19.

LA VIA CAMPESINA, 2025. **About La Via Campesina: Via Campesina.** Disponível em: <<https://viacampesina.org/en/international-peasants-voice/>>. Acesso em: 06/03/2025.

LANE, Bernard; KASTENHOLZ, Elisabeth, 2015. **Rural tourism: the evolution of practice and research approaches – towards a new generation concept?**. Journal of Sustainable Tourism, 23:8-9, 1133-1156. DOI: 10.1080/09669582.2015.1083997.

LEE, Tsung Hung; JAN, Fen Hauh, 2019. **Can community-based tourism contribute to sustainable development? Evidence from residents' perceptions of the sustainability.** Tourism Management, volume. 70, n. September 2018, p. 368-380. Disponível em: <<https://doi.org/10.1016/j.tourman.2018.09.003>>. Acesso em: 17/09/23.

LIMA, Mayke do Couto; MENEZES, Marins da Costa de; DE ALMEIDA, Fabio Souto, 2020. **Área de Proteção Ambiental Rainha das Águas do município de Paraíba do Sul (RJ, Brasil): estudo da cobertura florestal, contingências e manejo.** Ciência Florestal, volume: 30, issue: 4, pp: 1130-1146. DOI: 10.5902/1980509841980.

LITTLE, Mary E. & BLAU, Emily, 2019. **Social adaptation and climate mitigation through agrotourism: a case study of tourism in Mastatal, Costal Rica.** Journal of Ecotourism. DOI: 10.1080/14724049.2019.1652305.

LOBO, Heros Augusto Santos, 2023. **Ecoturismo: múltiplas facetas entre um modo de fazer turismo e um segmento de mercado.** Lazer e Turismo: perspectivas no âmbito da pós-graduação no Brasil. Coleção Desenvolvimento do Turismo, volume 4, p. 202-213.

MAIOLI, Veronica; MONTEIRO, Lara; TUBENCHLAK, Fernanda; PEPE, Isabelle;

DE CARVALHO, Yuri B.; GOMES, Fernanda D.; STRASSBURG, Bernardo B.; LATAWIEC, Agnieszka, E., 2021. **Local Perception in Forest Landscape Restoration Planning: A Case Study From the Brazilian Atlantic Forest.** *Frontiers in Ecology and Evolution*, volume 9. DOI: 10.3389/fevo.2021.612789

MAPBIOMAS BRASIL. **Plataforma - MapBiomias Brasil**, 2024. Disponível em: <[MARAFON, Glaucio Jose, 2021. **Rural Landscape and Family Farming In Rio De Janeiro State.** *GEO UERJ*, issue: 40. DOI: 10.12957/geouerj.2022.65000.](https://plataforma.brasil.mapbiomas.org/cobertura?activeBaseMap=9&layersOpacity=100&activeModule=coverage&activeModuleContent=coverage%3Acoverage_main&activeYear=2022&mapPosition=-22.599115%2C-46.512337%2C11&timelineLimitsRange=1985%2C2022&baseParams[territoryType]=4&baseParams[territories]=3882%3B3552106%20-%20Socorro%20%28SP%29%3B4%3BMunic%3ADpio%3B-22.730355666%3B-46.6321244809999%3B-22.4677639229999%3B-46.3922956929999&baseParams[activeClassTreeOptionValue]=default&baseParams[activeClassTreeNodeIds]=1%2C7%2C8%2C9%2C10%2C11%2C2%2C12%2C13%2C14%2C15%2C16%2C17%2C3%2C18%2C19%2C28%2C30%2C31%2C32%2C33%2C34%2C29%2C35%2C36%2C37%2C38%2C20%2C21%2C4%2C22%2C23%2C24%2C25%2C5%2C26%2C27%2C6&baseParams[activeSubmodule]=coverage_main&baseParams[yearRange]=1985-2022>. Acesso em: 29/07/24.</p></div><div data-bbox=)

MASON, R. E; WHITE A.; BUCINI, G.; ANDERZÉN, J.; MÉNDEZ, V. E.; MERRILL, S. C., 2021. **The evolving landscape of agroecological research.** *Agroecology & Sustainable Food Systems* 45 (4): 551–91. DOI:10.1080/21683565.2020.1845275.

MCGRATH, C; PALMGREN, PJ; LILJEDAHL, M, 2019. **Twelve tips for conducting qualitative research interviews.** *Med Teach*.

MEA - MILLENNIUM ECOSYSTEM ASSESSMENT, 2005. **Ecosystems and Human Well-Being: Synthesis.** Island Press, Washington, DC.

MÉNDEZ, V. E.; BACON, C. M.; COHEN, R; GLIESSMANN, 2015. **Agroecology: A transdisciplinary, participatory and action-oriented approach**. New York City, NY: CRC Press.

MINASI, Sarah Marroni; TAVARES, Beatriz Carvalho; DE OLIVEIRA; Alini Nunes; PAGNUSSAT, Eduarda, 2023. **Cultivo de cafés e turismo no sistema de agrofloresta no Brasil**. ABET, volume: 13.

MINISTÉRIO DO TURISMO, 2020. **Boletim de inteligência de mercado no turismo: Experiências do turismo rural**. Rede de Inteligência de Mercado no Turismo, 7^a edição, dezembro/2020. Disponível em: <https://www.gov.br/turismo/pt-br/aceso-a-informacao/acoes-e-programas/programas-projetos-acoes-obras-e-atividades/rede-inteligencia-mercado/Boletim_Turismo_Rural_compressed.pdf>. Acesso em 13/04/2025.

MINISTÉRIO DO TURISMO, 2018. **Glossário do Turismo: compilação de termos publicados por Ministério do Turismo e Embratur nos últimos 15 anos**. 1^a edição, Brasília-DP. Disponível em: <<https://www.gov.br/turismo/pt-br/centrais-de-conteudo/glossario-do-turismo-1-c2-aa-20edi-c3-a7-c3-a3o-pdf>>. Acesso em 17/09/2023.

MISHRA, J.; DUTTA, V; ARORA, N.K, 2020. **Biopesticides in India: technology and sustainability linkages**. 3 Biotech 10, 210 (2020). DOI: <https://doi.org/10.1007/s13205-020-02192-7>.

MOGROVEJO, J. M.; MARTÍNEZ, S. V. H.; MALDONADO, L. G. (2019). **Estrategias para impulsar el agroturismo rural en Municipio de Gramalote Norte de Santander**. Revista Gestión y Desarrollo Libre, 4(7).

MOVIMENTO DOS TRABALHADORES RURAIS SEM TERRA, 2025. **84-86 - MST**. O MST: nossa história. Disponível em: <<https://mst.org.br/nossa-historia/84-86/>>. Acesso em 06/03/2025.

MT. PLEASANT, J., 2016. **Food yields and nutrient analyses of the Three Sisters: A Haudenosaunee cropping system**. *Ethnobiology Letters*, 7 (1), 87–98. Disponível em: <<https://doi.org/10.14237/ebl.7.1.2016.721>>. Acesso em 02/02/2025.

NAÇÕES UNIDAS. **Sobre o nosso trabalho para alcançar os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável no Brasil**, 2024. Nações Unidas: Objetivos de Desenvolvimento Sustentável. Disponível em: <<https://brasil.un.org/pt-br/sdgs>>. Acesso em 28/07/2024.

NEGER, Christoph, 2021. **Ecotourism in crisis: an analysis of the main obstacles for the sector's economic sustainability**. *Journal of Ecotourism*, DOI: 10.1080/14724049.2021.1942019

NERI, Marcelo C, 2022. **Mapa da Nova Pobreza**. FGV Social. Rio de Janeiro (RJ).

NODARI, Rubens Onofre; GUERRA, Miguel Pedro, 2015. **A agroecologia: estratégias de pesquisa e valores**. *Estudos avançados*, v. 29, n. 83, p. 183-207.

OJEDA, A.; KIEFFER, M., 2020. **Touristification. Empty concept or element of analysis in tourism geography?** *Geoforum* 115, 143–145. Disponível em: <<https://doi.org/10.1016/j.geoforum.2020.06.021>>. Acesso em 19/09/23.

OXFAM, 2016. **Terrenos da Desigualdade: Terra, agricultura e desigualdades no Brasil rural, 2016**. Informe da Oxfam Brasil.

MOESCH, M. M.M 2002. **Para além das disciplinas: o desafio do próximo século**. In S. Gastal., M. C. Beni., & A. C. Catrogiovanni (Orgs). *Turismo investigação e crítica*. São Paulo, SP: Contexto.

PATTON, M. Q., 2021. **Principles-focused evaluation for agroecology**. *Elem Sci Anth*, 9: 1. Disponível em: <<https://doi.org/10.1525/elementa.2021.00052>>. Acesso em 17/09/2023.

PICARD, D., 2015. **Making ecotourism sustainable: Refocusing on economic viability. Lessons learnt from the “Regional strategic action plan for coastal ecotourism development in the South Western Indian Ocean”**. *Journal of Sustainable Tourism*, 23(6), 819–837. DOI: 10.1080/09669582.2015.1019512

PINTO FILHO, J. L. de O.; RÊGO, A. T. A. do; LUNES, A. R. da S.; CUNHA, L., 2020. **(In)Sustainability of the Territory of Chapada Do Apodi-RN (Brazil): The Expansion of Agribusiness versus the Impacts of Traditional Farmers and Local Rural Communities**. *Sustainability*, 12(21), 9173. Disponível em: <<https://doi.org/10.3390/su12219173>>. Acesso em 30/04/2025.

PREFEITURA DE SOCORRO, 2024. **História - Prefeitura Municipal de Socorro**. Disponível em <<https://www.socorro.sp.gov.br/historia>>. Acesso em 23/02/2024.

PRENDERGAST, G. P.; LAM, H. S.; & KI, Y. P., 2016. **Local residents’ perceptions of an influx of tourists: A Hong Kong case study**. *Journal of International Consumer Marketing*, 28(4), 283–293.

PRETTO, J. M.; HORN, C. H., 2020. **Uma avaliação do Pronaf no período 1995-2018**. *Colóquio*, 17(1), 35–49. Disponível em: <<https://doi.org/https://doi.org/10.26767/coloquio.v17i1.1577>>. Acesso em 02/02/2025.

RADJA, KATIA; SCHEMBRI, PATRICK; BAZIN, DAMIEN, 2016. **Quels enjeux de soutenabilité pour l’agriculture indienne?**. *Économie rurale*, 2016/2 número 352, páginas 23 a 39.

REDE PENSSAN, 2022. **Insegurança Alimentar e Covid-19 no Brasil**. II VIGISAN: Inquérito Nacional sobre Insegurança Alimentar no Contexto da Pandemia da Covid-19 no Brasil. Disponível em <<https://olheparaafome.com.br/wp-content/uploads/2022/06/Relatorio-II-VIGISAN-2022.pdf>>. Acesso em 01/02/2025.

RIVERA-FERRE, M. G., 2018. **The resignification process of Agroecology: Competing narratives from governments, civil society and intergovernmental organizations.** *Agroecology & Sustainable Food Systems* 42 (6):666–85. DOI:10.1080/21683565.2018.1437498.

ROCHELEAU, Dianne E., 2015. **Networked, rooted and territorial: green grabbing and resistance in Chiapas.** *Journal of Peasant Studies*. Volume: 42, issue: 3-4, page: 695-723. DOI: 10.1080/03066150.2014.993622

ROSSET, P. M., ALTIERI, M. A., 2017. **Agroecology: Science and Politics.** Manitoba. Canada: Fernwood Publishing.

ROSSET, P. M.; BARBOSA, L. P., 2021. **Metodologia “De Camponesa a Camponês à Camponesa a Camponês” e a territorialização da agroecologia.** MST, 2021. Disponível em: <<https://mst.org.br/2021/02/17/metodologia-de-camponesa-a-campones-a-camponesa-a-campones-e-a-territorializacao-da-agroecologia/>>. Acesso em 02/02/2025.

SALVAGNI, Julice; VALDUGA, Vander; NODARI, Cristine Hermann, 2020. **Cooperation, Innovation and Tourism in the Grape and Wine Region, Brazil.** *Cuadernos de Desarrollo Rural*, volume 17, issue 86. DOI: 10.11144/Javeriana.cdr17.citg.

SCHWENDLER, S. F., & THOMPSON, L. A., 2016. **An education in gender and agroecology in Brazil’s Landless Rural Workers’ Movement.** *Gender and Education*, 29(1), 100–114.

SECRETARIA DE TURISMO E VIAGENS DO ESTADO DE SÃO PAULO, 2023. **Secretaria de Turismo do Estado de São Paulo.** Conheça a Região Turística Circuito das Águas Paulista. Disponível em: <<https://www.turismo.sp.gov.br/conheca-a-regiao-turistica-circuito-das-aguas-paulista>>. Acesso em 18/09/23.

SERPOSSIAN, Emilie; COQUIL, Xavier; ANNES, Alexis, 2022. **Involvement of women farmers in the agro-ecological transition and transformation of their work: Chronicle of the agricultural organization Groupe Femmes 44**. *Frontiers in Sustainable Food System*. Volume: 6. DOI: 10.3389/fsufs.2022.869533

SILIPRANDI, E.; ZULUAGA, G. P., 2014. **Género, Agroecología y Soberanía Alimentaria: Perspectivas Ecofeministas**. Eds. 2014. Barcelona, Espanha: Icaria. Disponível em: <<https://traficantes.net/sites/default/files/pdfs/9788498886054.pdf>>. Acesso em 02/02/2025.

SISTEMA DE ESTIMATIVAS DE EMISSÕES E REMOÇÕES DE GASES DE EFEITO ESTUFA. **Plataforma SEEG**, 2024. Disponível em: <<https://plataforma.seeg.eco.br/>>. Acesso em 28/01/2025.

SEQUERA, J.; NOFRE, J., 2018. **Debates shaken, not stirred: new debates on touristification and the limits of gentrification**. *City* 22 (5–6), 843–855. Disponível em: <<https://doi.org/10.1080/13604813.2018.1548819>>. Acesso em 19/09/23.

SERNEELS, S.; LAMBIN, E. F., 2001. **Proximate causes of land-use change in Narok District, Kenya: a spatial statistical model**. *Agriculture Ecosystems & Environment*. Volume: 85, issue: 1-3, page: 65-81. DOI: 10.1016/S0167-8809(01)00188-8

SLOW FOOD. **Movimento Slow Food - Slow Food Brasil**, 2023. Disponível em: <<https://slowfoodbrasil.org.br/movimento/#:~:text=O%20Slow%20Food%20compree,nde%20as%20conex%C3%B5es%20entre%20o%20que%20comemos,Food%20cunhou%20o%20termo%20ecogastronomia.>>>. Acesso em 01/09/24.

SOUZA, João Pedro Machado e; CHIODI, Rafael Eduardo; SILVEIRA JUNIOR, Wanderley Jorge, 2023. **Empreendimentos turísticos e agricultura familiar, elementos para uma abordagem de integração: estudo de caso na Serra da Mantiqueira, Minas Gerais**. *Pasos - Revista de Turismo y Patrimonio Cultural*, volume: 21, issue: 1, pp: 69-82. DOI: 10.25145/j.pasos.2023.21.005.

STEVANOVIC, M.; POPP, A.; CAMPEN, H.L.; DIETRICH, J.P.; MULLER, C.; BONNSCH, M.; SCHMITZ, C.; BODIRSKY, B.L.; HUMPENODER, F.; WEINDL, I., 2016. **The impact of high-end climate change on agricultural welfare**. *Sci. Adv.* 2016, 2, e1501452. DOI: 10.1126/sciadv.1501452. Disponível em: <https://www.science.org/doi/full/10.1126/sciadv.1501452>. Acesso em 01/02/2025.

STREIMIKIENE, Dalia; SVAGZDIENE, Biruta; JASINSKAS, Edmundas; SIMANAVICIUS, Arturas, 2021. **Sustainable tourism development and competitiveness: The systematic literature review**. *Sustainable Development*, vol: 29, issue: 1, pp: 259-271. DOI: 10.1002/sd.2133.

TAKAHASHI, K.; MURAOKA, R.; OTSUKA, K., 2019. **Technology adoption, impact, and extension in developing countries' agriculture: A review of the recent literature**. *Agricultural Economics*. Volume 51, Issue 1. January 2020, Pages 31-45.

TONINI, Hernanda; DOLCI, Tissiane Schmidt, 2020. **Turismo Rural e Novos Mercados para Produtos Alimentares Agroecológicos: Estudo de Caso da Rota Via Orgânica**. *Rosa dos Ventos - Turismo e Hospitalidade*, volume: 12, issue: 3, pp: 537-554. DOI: 10.18226/21789061.v12i3p537.

VARGAS, Rodrigo Cuevas; ZUÑIGA, Christian Henriquez; ALCANTARA, Liliane Cristine Schlemer, 2020. **Turismo de base comunitária: uma perspectiva desde o bem viver como alternativa ao desenvolvimento na América Latina e Abya Yala**. *Desenvolvimento e meio ambiente*, volume: 54, pp: 167-183. DOI: 10.5380/dma.v54i0.68745.

VAL, V.; ROSSET, P. M.; LOMELÍ, C. Z.; GIRALDO, O. F.; ROCHELEAU, D., 2019. **Agroecology and La Via Campesina I. The symbolic and material construction of agroecology through the dispositive of “peasant-to-peasant” processes**. *Agroecology and Sustainable Food Systems*, v. 43, n. 7-8, p. 872–894, 2019.

WRIGHT, Wynne; ANNES, Alexis, 2014. **Farm Women and Agritourism: Representing a New Rurality**. *Sociologia Ruralis*. Volume: 54, issue: 4, page: 477-499. DOI: 10.1111/soru.12051

YANG, Lun; LIU, Moucheng C.; MIN, Qingwen W.; LI, Wenhua H., 2018. **Specialization or diversification? The situation and transition of households' livelihood in agricultural heritage systems**. *International Journal of Agricultural Sustainability*. Volume: 16, issue: 6, page: 455-471. DOI: 10.1080/14735903.2018.1537669

YANG, Lun; SUN, Jing; LIU, Moucheng C.; MIN, Qingwen W., 2021. **Agricultural production under rural tourism on the Qinghai-Tibet Plateau: From the perspective of smallholder farmers**. *Land Use Policy*. Volume: 103. DOI: 10.1016/j.landusepol.2021.105329

ZHANG, Yongxun X.; MIN, Qingwen W.; LI, Heyao Y.; HE, Lulu L.; ZHANG, Canqiang Q.; YANG, Lun, 2017. **A Conservation Approach of Globally Important Agricultural Heritage Systems (GIAHS): Improving Traditional Agricultural Patterns and Promoting Scale-Production**. *Sustainability*. Volume: 9, issue: 2. DOI: 10.3390/su9020295

APÊNDICE A: ROTEIRO DE ENTREVISTA ESTRUTURADA

- 1- Qual a localização da propriedade onde produz? (Município/bairro).
- 2- Mora na propriedade onde produz? É dono(a), arrendatário(a)?
- 3- Qual o tamanho da propriedade?
 - a. Até 5 hectares (minifúndio) b. Entre 5,1 e 64 hectares (pequena propriedade) c. Entre 64,1 e 240 hectares (média propriedade) d. Acima de 240 hectares (grande propriedade)
- 4- Em seu sistema de produção, faz ou já fez uso de agrotóxicos/defensivos agrícolas?
- 5- Em sua produção agrícola existe cultivo consorciado ou monocultura?
- 6- O solo fica descoberto em algum momento do ciclo ou para o cultivo de alguma cultura?
- 7- Existe algum elemento arbóreo em sua área de cultivo?
- 8- Dentro da sua propriedade existe vegetação nativa? Se sim, qual o tamanho (ou % da área ocupada)?
- 9- Para você qual significado (valor) têm estas áreas naturais (floresta, rios, mirantes)?
- 10- Nome completo (se quiser informar)
- 11- Faixa etária
 - a. Até 25 anos b. 25,1 a 40 anos c. 40,1 a 55 anos d. 55,1 a 70 e. mais de 70 anos
- 12- Identidade de gênero
- 13- Em sua infância viveu em zona rural ou urbana (cidade grande ou pequena)?
- 14- Há quantos anos mora em zona rural?
- 15- Onde e com quem aprendeu a 'lidar com a terra' (cursos, amigos, pais, familiares)?
- 16- Você pode indicar outros produtores familiares (preferencialmente em transição agroecológica - explicar) aqui em Socorro?

APÊNDICE B: ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA

1- Você sabe o que significa agroecologia? Considera que pratica ou está buscando este caminho em sua propriedade?

(Se respondeu sim na questão 1): 2- Poderia, por gentileza, nos contar como e quando se interessou pela 'agroecologia' (ou prática agroecológicas, mesmo que não utilize este nome) e como fez/está fazendo essa transição (ou aplicação destas práticas) em sua propriedade? Quais vantagens vem obtendo e quais dificuldades está enfrentando?

3- Além da agricultura, a propriedade tem outras atividades econômicas (turismo)?

4- Se importaria em informar do rendimento médio da propriedade por mês, quanto (%) vem da agricultura e quanto de outras atividades?

(Caso não exista atividade turística na propriedade, seguir para perguntar 5)

(Caso exista atividade turística na propriedade, seguir para perguntas 6, 7 e 8)

5a- Você já pensou em abrir sua propriedade para visitaçãõ?

5b- Você acredita que o (eco)turismo pode/poderia agregar valor à sua propriedade? Como?

(Caso exista atividade turística):

6- Como você se interessou pelo 'ecoturismo', ou seja, 'abrir a propriedade para visitaçãõ'?

7- Como é a atividade turística que acontece na propriedade (pequenos/grandes grupos, quais os atrativos, frequência das visitas)?

8- Quais benefícios e/ou prejuízos a atividade turística traz para você e sua família? Considera que o ecoturismo agrega valor à sua propriedade?

9- Como você comercializa seus produtos (direto ao consumidor ou atravessador)? Se direito do consumidor, de qual forma? Feira, entrega, venda na propriedade (compradores turistas ou outros)?

10- Vende seus produtos sozinho/a ou coletivamente (cooperativas)?

11- Em sua visão, a natureza (montanhas, floresta, rios, cachoeiras) e a cultura local (culinária, festas, costumes) são ou podem ser atrativos para os turistas?

12- Pode indicar alguma outra propriedade que trabalhe com produção agrícola e turismo em Socorro ou na região?